

DIÁLOGO GLOBAL 5.4

4 edições por ano em 16 idiomas

O poder da disrupção

Frances Fox Piven

O atrativo do Estado Islâmico

François Burgat

Sociologia e Antropologia

Jan Breman

Sociologia pública austríaca

Rudolf Richter

Cuba em transição

- > Os EUA e Cuba
- > Sobre racismo e revolução
- > Trabalhadores de limpeza cubanos em tempos de mudança

Sociologia em Taiwan

- > O movimento *Sunflower*
- > Trabalho e movimentos ambientais
- > Parternidade comprimida
- > A criação do colapso taiwanês
- > O desenvolvimento da sociologia de Taiwan
- > Sociologia de esquina

In Memoriam

- > Jürgen Hartmann, 1944-2015

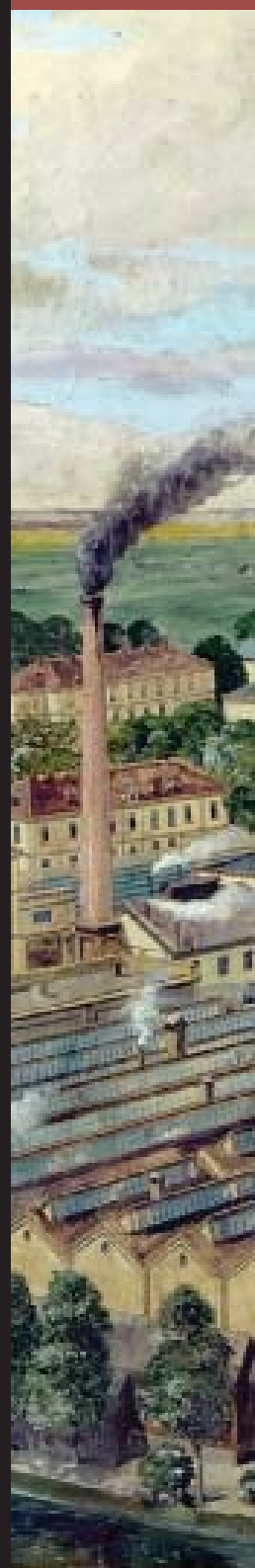
REVISTA



VOLUME 5 / EDIÇÃO 4 / DEZEMBRO 2015
<http://isa-global-dialogue.net>

DG

International
Sociological
Association



> Editorial

A interdisciplinaridade e as disciplinas

Esta edição se inicia com duas entrevistas. A primeira é com Frances Fox Piven, uma das estudiosas mais notáveis da história da sociologia norte-americana. Sua dedicação a questões como os direitos sociais, o recenseamento eleitoral e, mais recentemente, o Movimento Occupy instruiu sua análise original sobre os movimentos sociais, chamando a atenção para o poder da insurgência. Em sua longa carreira, ela entrou sem medo em debates com figuras como Milton Friedman e, ao mesmo tempo, carregou o fardo da hostilidade de alguns analistas de direita. A segunda entrevista é com o especialista francês sobre o Oriente Médio, François Burgat, que explica os atrativos do Estado Islâmico para os muçulmanos europeus, sujeitos à exclusão racista em seus países de origem. Depois, segue-se um artigo de Jan Breman, o famoso sociólogo holandês da economia informal, que aqui desembaraça a complexa relação entre a antropologia e a sociologia. Todos os três cientistas sociais têm um pé na sociologia; no entanto, ao lidar com questões públicas, demonstram que as fronteiras disciplinares não são importantes, e assim o fazem recorrendo à ciência política, à antropologia, à história, mas também à própria sociologia.

O mesmo pode ser dito de nossos contribuintes para a seção especial sobre Cuba. Luis Rumbaut e Rubén Rumbaut refletem sobre o acordo histórico entre Cuba e EUA, chamando a atenção para as pressões geopolíticas e econômicas cumulativas que levaram à reaproximação. Luisa Steur, por sua vez, analisa o significado desse acordo do ponto de vista dos faxineiros de baixa remuneração. Ciente do caso da transição soviética para a economia de mercado, Steur vê como uma mudança semelhante em Cuba aprofunda as desigualdades que, anteriormente, haviam sido mantidas sob controle. No artigo seguinte, a mesma Luisa Steur entrevista o ativista afro-cubano Norberto Carbonell, leal ao partido, mas que fala abertamente do racismo em Cuba – a publicação desta entrevista poderia não ter sido possível até um ano atrás.

Entretanto, interdisciplinaridade exige que as disciplinas e a sociologia desenvolvam-se em contextos nacionais, mesmo que influenciadas por campos globais – um ponto sublinhado por seis artigos de Taiwan. Essa pequena ilha, suspensa entre a China e os EUA, com uma história turbulenta de movimentos sociais, gerou uma das sociologias mais vibrantes da Ásia. Uma nação sensível à geopolítica, com uma história de subjugação, estimulou novas abordagens para a sociologia global. Ademais, muitos de nossos contribuintes de Taiwan participaram do movimento democrático da década de 1990 e, portanto, desenvolveram perspectivas diferentes sobre os movimentos sociais. Como demonstram os artigos, o recente Movimento Girassol trouxe a sociologia e suas visões críticas para o centro das atenções nacionais, engajando públicos para além da academia.

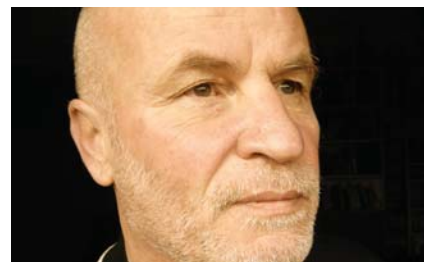
A sociologia pública é também tema do relato de Rudolf Richter sobre a história da sociologia austríaca. Seu artigo é o primeiro de uma série de textos que irá apresentar os membros da ISA para o *Terceiro Fórum de Sociologia*, que será realizada em Viena, entre 10 e 14 de julho de 2016. O comitê organizador local vem preparando ativamente um banquete austríaco em seu próprio blog: <http://isaforum2016.univie.ac.at/blog/>.

> **A *Diálogo Global* pode ser encontrada em 16 idiomas no website da ISA.**

> **Submissões devem ser enviadas a burawoy@berkeley.edu**



Frances Fox Piven, socióloga norte-americana com uma longa e distinta carreira, apresenta a sua teoria dos movimentos sociais em uma entrevista com Lorraine Minnite.



François Burgat, estudioso do Oriente Médio explica o apelo do Estado islâmico em uma entrevista conduzida por Sari Hanafi.



Jan Breman, famoso sociólogo holandês, reflete sobre a estranha relação entre a sociologia ea antropologia.



Rudolf Richter, presidente do Comitê Organizador Local para o Fórum de Sociologia da ISA de 2016, relata o legado da sociologia pública na Áustria.



A *Diálogo Global* é possível graças à generosa contribuição da SAGE Publications.

> Editorial

Editor: Michael Burawoy.

Editor Associado: Gay Seidman.

Editores Executivos: Lola Busuttil, August Bagà.

Conselho Editorial:

Margaret Abraham, Markus Schulz, Sari Hanafi, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Rosemary Barbaret, Izabela Barlinska, Dilek Cindoğlu, Filomin Gutierrez, John Holmwood, Guillermina Jasso, Kalpana Kannabiran, Marina Kurkchiyan, Simon Mapadimeng, Abdul-mumin Sa'ad, Ayse Saktanber, Celi Scalón, Sawako Shirahase, Grazyna Skapska, Evangelia Tastsoglou, Chin-Chun Yi, Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais

Mundo Árabe:

Sari Hanafi, Mounir Saidani.

Brasil:

Gustavo Taniguti, Andreza Galli, Ângelo Martins Júnior, Lucas Amaral, Rafael de Souza, Benno Alves, Julio Davies.

Colômbia:

María José Álvarez Rivadulla, Sebastián Villamizar Santamaría, Andrés Castro Araújo.

Índia:

Ishwar Modi, Rashmi Jain, Pragya Sharma, Jyoti Sidana, Nidhi Bansal, Pankaj Bhatnagar.

Indonésia:

Kamanto Sunarto, Hari Nugroho, Lucia Ratih Kusumadewi, Fina Itriya, Indera Ratna Irawati Pattinasarany, Benedictus Hari Juliawan, Mohamad Shohibuddin, Dominggus Elcid Li, Antonius Ario Seto Hardjana.

Irã:

Reyhaneh Javadi, Abdolkarim Bastani, Niayesh Dolati, Mohsen Rajabi, Vahid Lenjanzade.

Japão:

Satomi Yamamoto, Fuma Sekiguchi, Shinsa Kameo, Kanako Mataka, Kaho Miyahara, Yuki Nakano, Yutaro Shimokawa, Sakiye Yoshioka.

Casaquistão:

Aigul Zabirowa, Bayan Smagambet, Daurenbek Kuleimenov, Gani Madi, Almash Tlespayeva.

Polônia:

Jakub Barszczewski, Mariusz Finkielstein, Weronika Gawarska, Krzysztof Gubański, Kinga Jakiela, Justyna Kościńska, Martyna Maciuch, Mikołaj Mierzejewski, Karolina Mikołajewska-Zajac, Adam Müller, Patrycja Pendrakowska, Zofia Penza, Teresa Teleżyńska, Anna Wandzel, Justyna Zielińska, Jacek Zych.

Romênia:

Cosima Rughiniş, Corina Brăgaru, Costinel Anuţa, Telegdy Balasz, Adriana Bondor, Roxana Bratu, Ramona Cantaragiu, Alexandra Ciocănel, Alexandru Duţu, Ruxandra Iordache, Mihai-Bogdan Marian, Ramona Marinache, Anca Mihai, Radu Năforniţă, Oana-Elena Negrea, Diana Tihan, Elisabeta Toma, Elena Tudor, Carmen Voinea.

Rússia:

Elena Zdravomyslova, Lubov Chernyshova, Anastasiya Golovneva, Anna Kadnikova, Asja Voronkova.

Taiwan:

Jing-Mao Ho.

Turquia:

Gül Çorbacioğlu, Irmak Evren.

Consultor de mídia: Gustavo Taniguti.

Consultora Editorial: Ana Villarreal.

> Nesta Edição

Editorial: A interdisciplinaridade e as disciplinas	2
O poder da disrupção: uma entrevista com Frances Fox Piven por Lorraine C. Minnite, EUA	4
O atrativo do Estado Islâmico: uma entrevista com François Burgat por Sari Hanafi, Líbano	7
A estranha história da sociologia e antropologia por Jan Breman, Holanda	10
O legado austríaco da sociologia pública por Rudolf Richter, Áustria	13

> CUBA EM TRANSIÇÃO

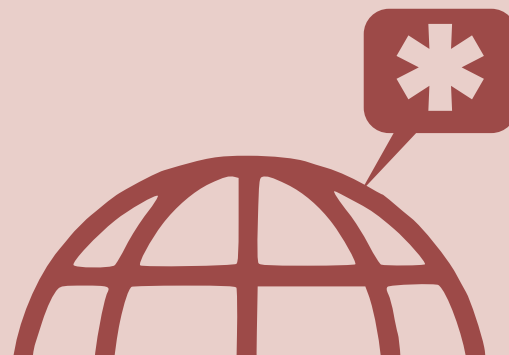
Os EUA e Cuba: reparar é difícil por Luis E. Rumbaut and Rubén G. Rumbaut, EUA	15
Sobre racismo e revolução: uma entrevista com Norberto Mesa Carbonell por Luisa Steur, Dinamarca	18
Noticias arrebatadoras de Havana por Luisa Steur, Dinamarca	21

> A SOCIOLOGIA EM TAIWAN

O Movimento Girassol e a sociologia combativa de Taiwan por Ming-sho Ho, Taiwan	23
Qual vem primeiro: movimento trabalhista ou o ambientalista? por Hwa-Jen Liu, Taiwan	25
Paternidade comprimida em Taiwan por Pei-Chia Lan, Taiwan	28
A criação do colapso: Taiwan no século XXI por Thung-hong Lin, Taiwan	30
Generalidade e particularidade na sociologia de Taiwan por Mau-kuei Chang, Taiwan	32
A Sociologia de Esquina por Hong-Zen Wang, Taiwan	34

> IN MEMORIAM

Jürgen Hartmann, 1944-2015: um internacionalista dedicado por Lyudmila Nurse, Reino Unido e Sylvia Trnka, Áustria	36
---	----



> O poder da disrupção

uma entrevista com Frances Fox Piven

Frances Fox Piven é uma cientista social de renome internacional e uma professora muito querida. Ela é uma democrata radical e uma estudiosa-ativista inspiradora, cuja defesa dos pobres tem dominado sua notável e corajosa carreira. Seu primeiro livro, *Regulating the Poor: The Functions of Social Welfare* (1971) [Regulando os pobres: as funções do bem-estar social], escrito em co-autoria com Richard A. Cloward, acendeu um debate acadêmico que remodelou o campo da política de bem-estar social. Seus trabalhos posteriores buscaram analisar as condições pelas quais as ações disruptivas dos mais pobres influenciaram a fundação do Estado de bem-estar moderno nos Estados Unidos (*Poor People's Movements*, 1977 [Movimentos dos Pobres]) e, com isso, foram necessários para o avanço da política social progressista e de reformas políticas (*The Breaking of the American Social Compact*, 1997; *Challenging Authority*, 2006 [A quebra do pacto social americano; e Desafiando a autoridade]). Ela sempre combinou pesquisa acadêmica com compromisso político, sendo pioneira em movimentos como a campanha pelos direitos de bem-estar social e, em seguida, pelo recenseamento eleitoral, bem como apoiando publicamente o Movimento Occupy. Nunca hesitou em defender suas ideias em meios de comunicação, tendo tido, em tais espaços, alguns inimigos notáveis, como o economista liberal Milton Friedman, em um famoso debate televisivo. Ela recebeu muitas honrarias e prêmios, vindo, inclusive, a atuar como presidente da Associação Americana de Sociologia, em 2007. Na conversa reproduzida abaixo, a cientista social elabora sua teoria do “poder interdependente”, que está no centro de sua obra. Lorraine C. Minnite, cientista política da Rutgers University, nos EUA, entrevistou Piven em Millerton, Nova Iorque, em 30 de maio de 2015.



Frances Fox Piven.

LM: Gostaria de perguntar sobre disrupção, um tema recorrente em seus trabalhos – que retoma questões de seu primeiro artigo, publicado em *Low Income People in the Political Process* [Pessoas de baixa renda no processo político], bem como do *The Weight of the Poor* [O peso dos pobres], seu notório texto para *The Nation*, escrito com Richard Cloward, em 1966. Ouvimos muito, hoje, sobre disrupção. Os empresários da alta tecnologia pregam o mantra de “causar disrupção” em outras indústrias por simples diversão e lucro; os analistas dos movimentos sociais também estão usando de forma mais assídua o termo. Tendo em vista que essa tem sido uma de suas preocupações centrais já há um bom tempo, você poderia falar sobre o que significa exatamente disrupção como conceito da teoria social?

FP: Embora o termo esteja sendo usado com mais frequência atualmente, não acho que ele esteja sendo utilizado com o devido cuidado. Na indústria da tecnologia, por exemplo, ele se refere à inovação que perturba os mercados; os teóricos dos movimentos sociais referem-se, por sua vez, à ação coletiva que é agitada, turbulenta, talvez violenta. Mas a agitação e a turbulência não são explicações boas o suficiente sobre por que a disrupção, às vezes, rende algum poder às pessoas que estão na parte inferior da estrutura social.

Você mencionou meu trabalho inicial, escrito em um momento em que os protestos de negros pobres (e, em Nova York, de porto-riquenhos) estavam irrompendo. Os protestos foram, de fato, muito agitados e turbulentos. Mas, por quê?, eu me perguntava. No início da década de 1960, um grande número de pessoas havia migrado para as cidades centrais dos Estados Unidos desde o sul rural americano e também de Porto Rico. Sem dúvida, eles esperavam uma vida melhor. Certamente, estavam desesperadamente pobres. Descobriram, todavia, mercados de trabalho urbanos que não lhes ofereciam empregos decentes e governos municipais que lhes negavam serviços. Assim, as pessoas se reuniram, marcharam, gritaram, jogaram lixo nos gramados das prefeituras. Em resposta, um monte de brancos liberais, muitas vezes profissionais da área de bem-estar social, disseram: “Estamos de acordo com seus objetivos, mas não com seus métodos. É verdade, você deve ter um emprego, uma fonte de renda, você deve ter serviços de saúde e seus apartamentos devem ter aquecimento e água quente. Mas, fazer bagunça e causar problemas não são caminhos para resolver esses problemas. O que vocês devem fazer é se re-



unir, votar, apelar a seus representantes”, isto é, vocês devem seguir as rotinas da política normativa democrática e regular.

Eu fiquei intrigada com isso. Eu cheguei à conclusão de que as pessoas estavam fazendo o que elas estavam fazendo porque o conselho que eles estavam recebendo de seus aliados liberais foi um mau conselho. De fato, muitos deles já havia tentado a usar os procedimentos normais de reparação. Muitos deles tinham tentado ter um mínimo de influência na prefeitura. Eles tinham se inscrito em programas ou outro serviços sociais apenas para ter seus pedidos ignorados.

Cheguei à conclusão de que a razão para que as pessoas se virassem em direção a táticas disruptivas foi que essas eram as táticas que podiam ser eficazes para elas. Essa foi minha primeira opinião sobre a questão do motivo pelo qual pessoas de baixa renda podiam ser, por vezes, disruptivas. Na verdade, é claro, na maior parte do tempo, os pobres eram simplesmente pacatos. Mas, quando eles emergiam no cenário político, era, frequentemente, de maneira turbulenta.

Ao longo do tempo, em parceria com Richard Cloward, desenvolvi o que eu acho que seja uma compreensão mais analítica e mais bem informada das ações que foram chamadas disruptões. Para avaliar o que discuto, é necessário dar um passo atrás dos comportamentos específicos das pessoas que estão sob escrutínio e, depois, fazer a seguinte pergunta: qual é o papel que essas pessoas pobres desempenham nos esquemas complexos de relações interdependentes que constituem a sociedade, nas complexas teias de relações de cooperação que constituem a sociedade? Ou, de outra forma, qual é o papel que eles desempenham na divisão social do trabalho?

LM: Trata-se de uma ideia durkheimiana?

FP: Sim, Durkheim é, certamente, uma influência. Mas quais são as consequências quando as pessoas recusam seus papéis e tornam-se disruptivas? Talvez a disruptão não nasça só do desespero, mas seja, na verdade, uma fonte de poder.

Então, o argumento: muito frequentemente dizem que pobres são excluídos. Isso não está certo. Eles são geralmente muito incluídos, mas incluídos a fim de serem subjugados e explorados no processo. Desempenham papéis importantes, como trabalhadoras domésticas ou babás, auxiliares domésticas de saúde e enfermeiras; ou, como faxineiros, trabalhadores do varejo e de redes de fast food, pessoal de limpeza e coletores de lixo. Nas últimas décadas, esses tipos de postos de trabalho tornaram-se cada vez mais inseguros, como resultado da propagação dos empregos sob demandas, de trabalhos de meio período e mediante contratos temporários, ao mesmo tempo em que os salários têm vindo a diminuir.

Porém, esses trabalhadores são, de fato, impotentes? Pense nos trabalhadores domésticos nas cidades globais de Nova York, Londres, São Francisco ou Boston. Eles tomam

conta das crianças, limpam os apartamentos, podem fazer o jantar que mulheres mais abastadas, mais educadas e em melhores condições, que agora trabalham como profissionais ou gestoras, poderiam fazer de uma forma ou de outra. Se as empregadas domésticas e as babás param, as repercussões iriam se espalhar através das fileiras de advogados, auditores e gestores que executam, cada vez mais, uma economia financeirizada.

Em outras palavras, os trabalhadores domésticos têm certo tipo de poder, porque se eles não aparecem para trabalhar, seus empregadores tampouco podem ser capazes de seguir sua rotina de trabalho. A recusa dos trabalhadores domésticos é areia nas engrenagens de um sistema de trocas. Esse é o tipo de perturbação que estou falando, que é a retirada da cooperação em um sistema complexo de interdependências. Trata-se, na verdade, de uma greve. Quando você retira sua cooperação, o sistema fica obstruído. Pode não parar completamente, mas não funciona bem. A capacidade de desligar as coisas tem sido historicamente a fonte do poder para as pessoas que se encontram na base da estrutura social. Este é o poder interdependente e disruptivo.

LM: Em *Poor People's Movements*, você e Richard Cloward defendem o papel central da insurgência da massa na explicação de como nós construímos um estado de bem-estar e de como a reforma social acontece. Qual é a sua avaliação sobre o que está acontecendo agora, tendo em vista sua teoria da disruptão e do poder disponível para as pessoas mais pobres melhorarem suas vidas?

FP: Na maioria das vezes, as pessoas pensam no sistema representativo eleitoral como a arena na qual suas esperanças podem ser realizadas, caso elas possam, de fato, serem realizadas. No entanto, não acho que a política eleitoral funciona bem para as pessoas que estão na parte inferior da sociedade. Na verdade, cada vez mais eu acredito que ele não funciona muito bem para a maioria das pessoas; nos Estados Unidos, por conta da crescente corrupção na política eleitoral; na Europa, porque as instituições supranacionais, agora, sobrepõem-se às decisões nacionais. No entanto, o sistema eleitoral não pode ser ignorado. São as reverberações de movimentos na política eleitoral que determinam, em grande medida, o seu sucesso ou fracasso.

De fato, a democracia representativa eleitoral é uma construção institucional notável. Ela cria uma esfera de relativa igualdade, uma esfera em que uma grande parte da população tem o direito de votar em eleições periódicas, e os principais tomadores de decisão no Estado, no governo, são vulneráveis a esses eleitores. Em outras palavras, as elites dominantes podem ser empurradas para fora do escritório e para fora do poder por esse mesmo eleitorado. A democracia representativa eleitoral também garante determinados direitos de se organizar, para que haja alguma capacidade desses numerosos eleitores atomizados de desenvolverem uma voz coletiva.

Existem muitas variações dessas características básicas



da democracia representativa eleitoral, e elas importam. Contudo, essencialmente, o que essa invenção faz é criar uma esfera da vida social na qual quase todo mundo tem um recurso do qual as pessoas no topo dependem – e esse recurso está, em princípio, mais ou menos igualmente distribuído.

O problema é óbvio. É que essa esfera de igualdade não está separada do resto da sociedade, onde as desigualdades são extremas. Essas desigualdades, inevitavelmente, transbordam e distorcem o que acontece nas esferas eleitorais. Nos EUA, está ficando pior, com o *Citizens United* e a decisão da Suprema Corte (que revogou décadas de lei dos EUA que limitavam as contribuições a grupos envolvidos em campanhas eleitorais), e com os bilhões de dólares atualmente gastos em campanhas. Além disso, é um sistema representativo eleitoral, e a tradução de votos na representação também é severamente distorcida, em parte pela constituição americana, mas nunca tanto quanto hoje, em que os lobistas sentam em debates nas comissões legislativas e regularmente compram políticos.

No entanto, o meu ponto agora é diferente. Observe que no cerne da ideia luminosa da democracia representativa eleitoral está uma confiança na interdependência construída entre as elites políticas e as massas de eleitores.

Normalmente, quando acontecem movimentos, há muitas pessoas prontas para doutrinar os ativistas de que, em vez de criar problemas, eles deveriam estar trabalhando para eleger candidatos reformistas, enquanto que os ativistas de movimentos, muitas vezes, desprezam completamente a política eleitoral. Nenhum dos lados aprecia as maneiras em que a política eleitoral, mesmo em suas formas reais distorcidas, interage e, por vezes, promove movimentos e efeitos disruptivos, que são a fonte de poder do movimento.

Os partidos políticos e as organizações dos candidatos tentam ganhar através da construção de maiorias. Para tanto, eles devem suprimir questões que dividem grupos ou que alienam potenciais financiadores. Quando os movimentos emergem, eles normalmente levantam apenas essas questões. Os políticos que precisam de votos dos simpatizantes do movimento tentarão se desviar dessas novas demandas, dizendo: “Claro, eu acredito em integração racial. Mas tem de ser feito de forma gradual”. Obviamente, aqui, de forma gradual, muitas vezes, significa para sempre ou nunca. O próprio fato de que os políticos tentam apaziguar demandas é um sinal de que, talvez, o grito de esperança ou desespero do movimento tenha alguma consequência na política eleitoral. Se o movimento extrai a força e o capital humano desse incentivo – como o Movimento pelos Direitos Civis americanos ganhou força do fato de que o Partido Democrático começou a ecoar as demandas do movimento –, então o movimento tende a se alargar.

Com o alargamento do movimento, ele se torna mais ameaçador para os candidatos políticos que precisam, de alguma maneira, manter juntos os grandes blocos de eleitores necessários para a vitória eleitoral, bem como os in-

teresses pecuniários que financiam as campanhas. Quando os movimentos logram sucesso, é porque os políticos fazem concessões a fim de conter essas divisões.

LM: Suas teorias sobre a disrupção, de poder interdependente e das condições eleitorais sob as quais os movimentos podem atingir reformas foram desenvolvidas a partir de um profundo compromisso com a história dos Estados Unidos e de seu próprio ativismo, especialmente de seu trabalho com o movimento dos direitos do bem-estar em Nova York, na década de 1960. Quão bem essas teorias podem explicar os desenvolvimentos políticos em outros países?

FP: Algumas dessas questões podem ser tidas como verdades em outros países, embora o sistema norte-americano estrito de dois partidos pode ser especialmente vulnerável a movimentos. Os protestos na Grécia ajudaram a fraturar a coalizão PASOK e tornaram possível a vitória de Syriza, uma coligação de esquerda radical.

LM: Como as dinâmicas contemporâneas de processos eleitorais explicam a eleição de Barack Obama, mas também as limitações do que isso tem significado para a reforma social progressista?

FP: O apoio eleitoral a Obama veio, principalmente, dos jovens e das minorias. Ele assumiu o cargo quando a recessão financeira estava em seu pior patamar; mas os movimentos ainda não haviam surgido em qualquer escala. Pensando em retrospecto, a presidência de Obama é melhor quando comparada com a de Herbert Hoover – presidente republicano em 1929, quando a quebra da bolsa lançou os EUA à depressão –, muito embora entusiastas queiram comparar Obama ao sucessor de Hoover, Franklin Delano Roosevelt, o arquiteto do *New Deal*. Houve protestos em 1930-1931, mas eles foram pequenos. Levou tempo para que as pessoas reconhecessem e avaliassem exatamente o que havia acontecido e o que podiam fazer sobre isso.

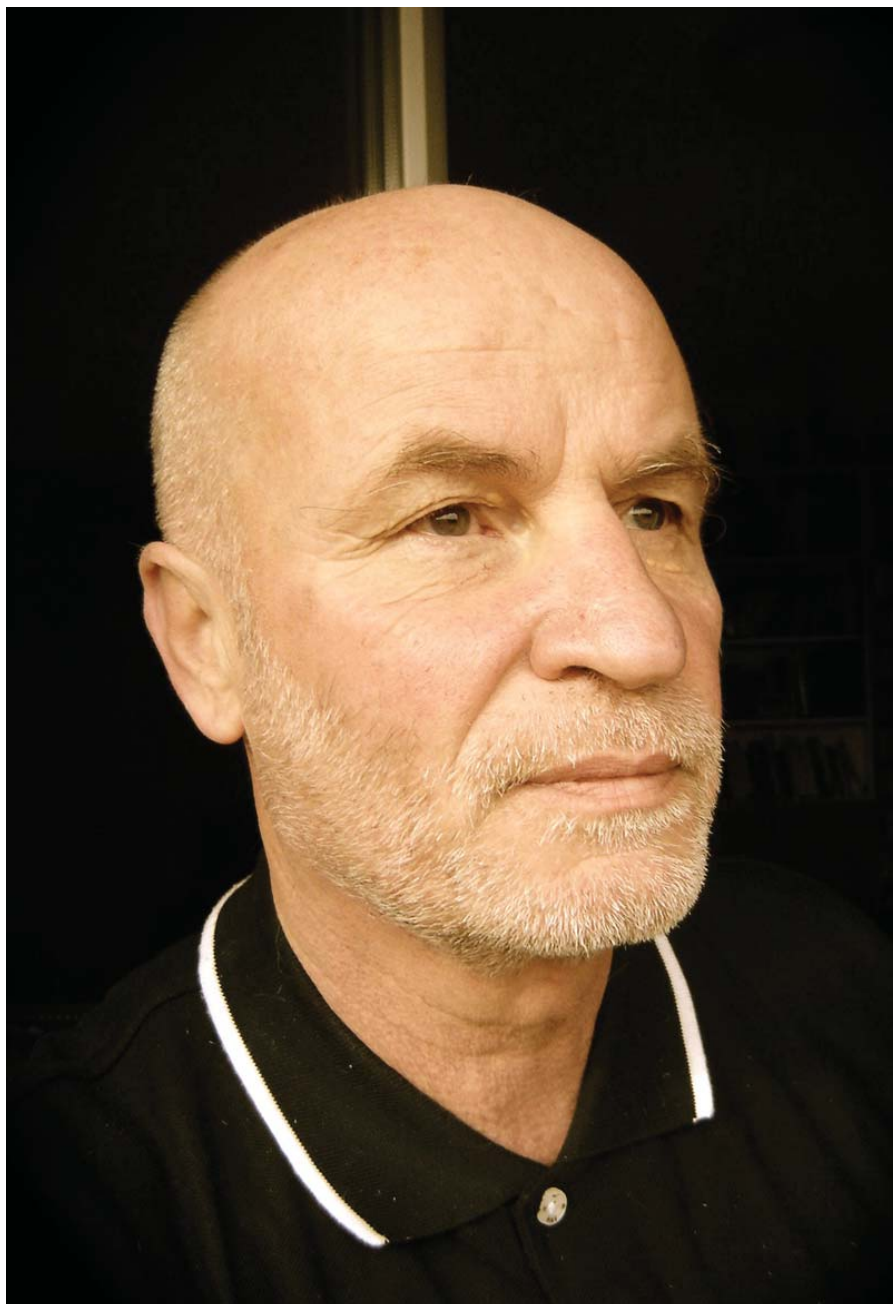
Os grandes protestos começaram a desdobrar-se no início de 1930, depois de alguns anos de Grande Depressão e muitos esforços de Hoover para tentar manter as coisas unidas, anunciando que a recuperação estava logo ali na esquina.

De forma similar ocorreu em 2008: é verdade, houve jovens ativistas, como o pessoal do “Move-on”, que trabalhou na campanha. Mas eles não eram um movimento de protesto. Os protestos estudantis e trabalhistas em Wisconsin, em seguida o “Occupy”, o “Fight for Fifteen”, o “Hands Up, Do Not Shoot”, tudo isso levou tempo para se desenvolver. É claro que, se tivessem ocorrido em 2008, eu acredito que Obama teria sido um presidente melhor. Agora, em 2015, os movimentos estão, de fato, se alargando, incluindo protestos contra os trabalhos de baixa remuneração e o policiamento. Nos EUA, devemos esperar que os movimentos floresçam, em parte porque uma possível presidência de Clinton não será capaz de ignorá-los. ■

Contato com Frances Fox Piven <fpiven@hotmail.com> e Lorraine Minnite <lminnite@gmail.com>

> O atrativo do Estado Islâmico

uma entrevista com **François Burgat**



François Burgat é um sociólogo político e pesquisador sênior do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), da França, que tem dedicado sua carreira na análise de sistemas políticos e sociedades civis do mundo árabe. Ele é um daqueles raros estudiosos capazes de compreender os movimentos islâmicos sem, com isso, romantizá-los ou difamá-los, confrontando corajosamente as interpretações tradicionais. Atualmente, é investigador principal do projeto do Conselho Europeu de Investigação “Quando o autoritarismo falha no mundo árabe”. Sua mais recente publicação é *Pas de printemps pour la Syrie: Les clés pour comprendre les acteurs et les défis de la crise, 2011-2013* (“Sem primavera para a Síria: as chaves para a compreensão dos atores e dos desafios da crise, 2011-2013”). Ele foi entrevistado nesta edição por Sari Hanafi, que leciona na Universidade Americana de Beirute, e vem ocupando, hoje, o cargo de Vice-Presidente das Associações Nacionais da ISA.

| François Burgat.

Desde setembro de 2014, a reivindicação do Estado Islâmico (EI), “permanecer e expandir”, infelizmente, vem refletindo uma realidade no Iraque e na Síria, apesar da campanha de ataque aéreo internacional. Essa expansão não significa, necessariamente, a consolidação do poder. O “*Sunniland*” que o EI pretende estabelecer ainda é contestado, não só na região, mas, sobretudo, em meio aos amplos setores das populações ocupadas. No final de 2014, a CIA estimou que entre 20.000 e 31.500 combatentes estariam defendendo as participações do Estado Islâmico no Iraque e na Síria; mas outras estimativas colocam um número ainda mais elevado, algo em torno de 200.000 combatentes. Tal expansão deve ser relacionada com o contexto de Estados repressivos malogrados nessa área, bem como com as diferenças ideológicas. Sem dúvida, o EI e suas franquias operam em diferentes países, tornando-se, assim, um fenômeno global – tanto é assim que mais de 6.000 europeus, incluindo 1.500 cidadãos franceses, passaram a lutar na Síria. Muitos desses recrutas europeus são de origem muçulmana, mas alguns são ocidentais convertidos ao islã. Na entrevista que se segue, François Burgat oferece suas reflexões sobre as motivações que levam os europeus a se juntarem ao EI.

SH: O EI trouxe uma imaginação política nova à região: abolindo fronteiras, construindo impérios, etc. Você acredita que isso seja algo que atrai os jovens?

FB: Sim, definitivamente. Embora as fontes de atração sejam numerosas e diversas, nós podemos, no entanto, apontar aquelas que são mais comuns. Para clarificar o espectro de motivações, sugiro duas categorias: as motivações “negativas”, que envolvem a rejeição do meio de origem, como a França, e também as motivações “positivas”, isto é, aquelas que atraem indivíduos para dentro do universo do Estado Islâmico.

Antes de explorar ambas as motivações mais a fundo, deixe-me, primeiro, considerar as explicações alternativas para o atrativo do EI – explicações que recorrem a variáveis “ideológicas” ou “religiosas” e fixam toda a culpa na questão do “islamismo radical”, que, supostamente, entra em jogo quando a juventude é “contaminada” por ler uma página de *Sayuid Qutb* ou por intermédio do encontro com esse ou aquele imã “radical” nas profundezas de algum subúrbio ou, mais frequentemente, na internet.

Do meu ponto de vista, esse vocabulário (islâmico) pode acelerar o processo de radicalização, mas não consegue explicar a transformação pessoal. A história mundial da radicalização tem demonstrado que o vocabulário rebelde não deveria ser confundido com as origens de suas rebeliões. Indiferentemente da religião ou do dogma, aqueles que querem se rebelar sempre têm encontrado recursos simbólicos, religiosos ou profanos, por meio dos quais eles conseguem expressar e justificar suas ações. As interpretações “islamológicas” da violência jihadista são populares

no Ocidente, pois o fato de identificar a culpa na fé islâmica permite aos observadores (enquanto não-muçulmanos que são) negar qualquer responsabilidade. Por trás desses argumentos está, frequentemente, uma “ilusão pedagógica”, que sugere que os jihadistas não leram a “sura certa” (capítulo do Corão), não a leram “suficientemente” ou, ainda, que não entenderam o que leram – tudo isso implica que os desastrosos efeitos do radicalismo no mundo islâmico e, mais amplamente, no planeta, poderiam ser eliminados através do aperfeiçoamento da educação religiosa de alguns milhões de muçulmanos. Não é necessário que eu explique as limitações de tal abordagem.

SH: Voltemos às motivações “negativas” que você mencionou no começo.

FB: As motivações “negativas” são explicações que focam no sentimento jihadista de ser “globalmente rejeitado”, abastecendo suas próprias “rejeições globais” da sociedade na qual eles cresceram. Entre esses jihadistas, uma minoria frequentemente sofre de falência sócio-econômica ou de dificuldades de adaptação na vida adulta, geralmente relacionadas aos desafios de ser do norte da África ou de origem “islâmica” em países europeus

Para colocar de forma mais simples, muitos jihadistas franceses se mudam para a Síria como uma reação política à estigmatização individual ou coletiva que sofrem na França: educação desigual, oportunidades de trabalho desiguais, discriminação por parte da polícia ou da lei, e assim por diante. No entanto – e tendemos a falar menos sobre isso – essas desigualdades também refletem uma falta de representação política em dois níveis. Que o sistema de representação eleitoral está aquém do ideal é óbvio quando olhamos para as estatísticas; mas há, ao mesmo tempo, as restrições sistemáticas mais nocivas à liberdade de expressão, especialmente na mídia hegemônica. Além disso, esses preconceitos são agravados pelos meios de comunicação que dão destaque às “figuras” islâmicas “oficiais” e que, de forma alguma, são representativas desse setor.

Essas duas camadas de dominação política perniciosa começaram na era colonial. Primeiro, as populações subjugadas foram silenciadas; em seguida, elas adquiriram uma sensação ilusória de pertença nacional por intermédio de falsos representantes, que aceitaram os termos da dominação colonial. Duas décadas atrás, em 1995, na época da Guerra Civil Argelina, entrevistei jovens muçulmanos franceses que resumiram as dificuldades de “coexistência” em um ambiente tão discriminatório: “Quando a televisão francesa fala da Argélia, Palestina ou do islã em geral, somos forçados a mudar de canal! E, acredite em mim, senhor, mudar de canal tantas vezes faz nossos dedos doerem!”. Esta repulsa programada contra os imigrantes e contra os seus descendentes pode tomar formas mais descaradamente ofensivas, como cuspir e outras agressões dirigidas a esposas e irmãs por vestirem um véu.



SH: Agora você poderia dizer mais sobre as motivações “positivas” do Estado Islâmico?

FB: Sim. A necessidade dos cidadãos de romper com o mundo que lhes nega suas aspirações humanas é necessariamente acompanhada por motivações mais positivas. Mesmo para os muçulmanos que estão perfeitamente integrados, tanto em termos econômicos quanto sociais, existem motivações que, por vezes, aumentam ou simplesmente substituem as motivações negativas, acionando o envolvimento radical, primeiro, no conflito sírio, e, em seguida, em suas consequências internacionais. Historicamente, o envolvimento jihadista procede da solidariedade ideológica ou confessional transnacional. Entre as razões mais importantes, muitos partidários citam o desejo de ajudar seus irmãos religiosos que, em suas opiniões – que são até certo ponto compreensíveis – foram abandonados pelo ocidente e massacrados por barris de explosivos jogados de helicópteros de Assad. Do ponto de vista da história da Europa, essas solidariedades transnacionais e infra-estatais não são únicas; considere a solidariedade expressa em apoio aos republicanos espanhóis em 1936, que apoiou a formação de “brigadas internacionais” e incluiu alguns franceses famosos. Ou considere, ainda, o francês Régis Debray (ex-assessor especial do presidente François Mitterrand), que se juntou ao movimento de guerrilha boliviana. Ouvimos pouco sobre as várias centenas de cidadãos cristãos, muitos deles franceses, que lutaram ao lado dos falangistas na Guerra Civil Libanesa. Podemos, também, considerar os cidadãos franceses que se alistam no exército israelense, mesmo que agindo fora da lei internacional nos territórios ocupados.

Todavia, além de expressar algum tipo de solidariedade humanitária, acho que o EI constrói boa parte de seu atrativo a partir do fato de que ele representa uma utopia, uma espécie de “*Sunniland*” livre que ecoa o que o Irã de Khomeini ofereceu aos xiitas – um lugar (pelo menos como o EI per-

cebe) que dá aos muçulmanos a chance de viver sua religião de acordo com a sua interpretação, sem nenhum dos obstáculos encontrados em seu país de origem. Além disso, esse é um mundo em que os alvos da islamofobia podem ser defendidos por meios violentos, se necessário, e, indo ainda mais ao ponto, eles podem retaliar, em condições de igualdade, contra a violência militar e simbólica, seja das bombas ou das charges.

A contabilidade oficial perde de vista esse contexto mais amplo. As interpretações dos atentados de Paris, de 07 de janeiro, estão muito estreitamente confinadas às vítimas que foram baleados pelas Kalashnikovs dos “terroristas”. Os governos e os meios de comunicação ignoraram aqueles mortos pelos F-16 israelenses, pelos caças franceses da Rafale ou pelos famosos drones (aviões teleguiados) norte-americanos. É por isso que temos de “alterar o zoom” das análises e considerar as dimensões espaciais e temporais “mais amplas” desse confronto. A fim de entender como as emoções negativas podem levar ao radicalismo, é necessário, portanto, situar essas dinâmicas em uma perspectiva internacional e histórica. Só então poderemos perceber como eles seguem fraturas políticas profundas que remontam aos tempos coloniais. Recentemente, eles foram reabertos por políticas unilaterais francesas, realizadas diretamente ou através de alianças com terceiros, como Israel ou os Estados Unidos, em países como o Mali ou no Iraque, na Faixa de Gaza ou no Iêmen.

Nada teria acontecido em Paris sem esses conflitos anteriores e essas conquistas, que estão, contudo, sistematicamente ausentes da maioria das “análises”, concentradas unicamente em variáveis sociológicas. Permitam-me concluir: quinze anos após os ataques de 9/11, o que a sociologia nos ensinou sobre esses ataques? Eu diria que... quase nada. ■

Contato com François Burgat <francoisburgat73@gmail.com>
e Sari Hanafi <sh41@aub.edu.lb>

> A estranha história da Sociologia e Antropologia

Por **Jan Breman**, Universidade de Amsterdam, Holanda



Dr. J.V. de Bruyn, antropólogo do governo na Nova Guiné holandesa. Foto do Museu Nacional de Etnologia, Leiden, Holanda.

No início do século XX, o pai fundador das ciências sociais na Holanda traçou uma linha entre a sociologia e a antropologia. Enquanto a antropologia seria estudar os povos “menos avançados”, a sociologia iria focar na organização social das sociedades “mais avançadas” - que estavam todas localizadas no Ocidente. Essa divisão clara, no entanto, logo se revelou muito simples.

A partir do século XVII, em diante, a Holanda tinha construído um império colonial; para governar os territórios ultramarinos foi necessário o conhecimento das estruturas



sociais e da cultura de suas populações. Os que viviam em sociedades de grande escala, multiestratificadas e alfabetizadas, como as Índias Orientais, foram chamados de nativos, em vez de indígenas (etiqueta reservada para grupos tribais pequenos e apátridas perambulando em seu habitat remoto e de difícil controle como os nossos antepassados primitivos). A ideia inicial de que as colônias eram para o benefício da metrópole, justificando a drenagem de qualquer excedente que pudesse ser aproveitado, teve que ser reformulada. O colonialismo veio a ser retratado como uma missão civilizadora.

No início do século XX, a dominação estrangeira foi justificada como tutela, ajudando as colônias a progredirem; a famosa tese *mise en valeur* (tese da valorização) prometeu trazer valor onde ele estava ausente. O papel do sociólogo colonial holandês tornou-se semelhante ao do antropólogo do governo britânico na África colonial: aconselhar as autoridades sobre o impacto das políticas, ou oferecer conselhos sobre como manter o fervor nascente do movimento islâmico sob controle, como encontrar quem estava por trás das revoltas sociais ou, a questão que obcecava governantes coloniais, como fazer com que os camponeses javaneses absorvessem o espírito do capitalismo. A missão civilizadora proclamou que “onde os nativos estão

agora, nós estivemos uma vez; o que nós somos agora, eles estão fadados a se tornar”. A fim de realizar a promessa de transformação imitada, a massa colonizada teve que cortar fora seu próprio passado e identidade, e ser reformulada como povo sem história.

O fardo do homem branco foi levantado quando a luta pela liberdade pôs um fim ao domínio colonial em meados do século XX? Argumentando que qualquer sabedoria científica reunida pelos costumes e conhecimentos nativos nos domínios distantes não deveria ser desperdiçada, políticos holandeses autorizaram algumas poucas universidades - Leiden e Amsterdã, em particular - para estabelecer cátedras e cursos no que foi denominado sociologia “não-ocidental”, para lidar com as sociedades complexas das ex-colônias. Era um rótulo estranho, uma vez que se declarou que estas não eram sociedades, mas poderiam se tornar, ao passar por uma rota descrita como transitória. Vista como uma disciplina separada, a “sociologia não ocidental” foi classificada entre a antropologia (dedicado a sociedades tribais em lugares como Papua Nova Guiné e Suriname), por um lado, e a sociologia (ocidental), por outro lado. Exclusiva da Holanda era, na verdade, uma expressão de paroquialismo, negando a agenda universalizante da cultura apresentada por pensadores como Weber,



Na primeira expedição à Nova Guiné em 1906, um holandês quer apertar a mão de uma mulher Papua, que olha confusa. Foto do Museu Nacional de Etnologia, Leiden, Holanda.



Esse viés ocidentalista permitiu que praticantes da sociologia virassem as costas ao que veio a ser entendido como terceiro mundo: eles poderiam restringir o seu ofício para o estudo da sociedade “moderna” no norte global. A missão civilizadora teve suporte, no entanto, na era pós-colonial, pela expressão em um compromisso formal em ajudar os países “atrasados” em sua tentativa de alcançar as nações “que lideravam”. A estranha designação de “não-ocidental” - que colocou uma grande diversidade de povos e culturas numa única rubrica - foi então substituída por um manifesto mais atraente, que teve como objetivo promover o desenvolvimento onde ele falhou a emergir, no sul global, e que deu origem a uma sociologia do desenvolvimento, envolvida no mapeamento de como o resto do mundo, que abriga a maioria da humanidade, se sairia na passagem considerada evolutiva do agrário-rural para uma forma de vida urbana-industrial.

Enquanto isso, o domínio da antropologia também havia mudado. Não era mais “nossos ancestrais vivos”. Se não foram dizimados nos nichos remotos da Austrália, Ásia, África e Américas quando aberta a marcha do progresso, foram incorporados em formações estatais maiores, perdendo toda autonomia que eles tentaram tenazmente reter. Mas com uma metodologia de pesquisa diferente da sociologia, os antropólogos seguiram em frente, encontrando outros locais para praticar o que eles chamaram de “trabalho de campo”, chegando perto das pessoas com sua lente, em busca de sua companhia e, assim, tornando-se familiarizados com o que eles estavam fazendo.

Mas como desenhar a linha divisória com a sociologia? O professor de antropologia na Universidade de Amsterdã, onde eu optei por fazer estudos asiáticos no final dos anos 1950, propôs que a antropologia deve concentrar-se na tradição, enquanto a modernidade seria a preocupação da sociologia. Essa linha de demarcação acabou por ser inconclusiva desde o início, porque era impossível determinar as características distintivas de cada lado daquela divisão. A questão essencial para ambas as disciplinas permanece

por que, como e com que consequências os processos de mudança evoluem. Ambas discutem a relação entre o passado e o presente, em vez de reificar o contraste opondo o tradicional ao moderno.

Quando fui nomeado professor de sociologia comparativa em minha universidade de origem, em 1987 - eu não queria uma cátedra de estudos “não-ocidentais” ou “de desenvolvimento” - um colega mais experiente e eu, juntos, formamos a *Amsterdam School for Social Science Research* - ASSR (Escola de Pesquisa em Ciência Social de Amsterdã), com um programa de doutorado que teve como objetivo reunir sociologia, antropologia e história social para promover a pesquisa em uma perspectiva histórica sobre a dinâmica da globalização. Embora nossas façanhas acadêmicas tenham sido bastante bem-sucedidas, não fomos capazes de convencer tanto o órgão financiador nacional quanto o Conselho de Administração da Universidade de Amsterdã a fornecer financiamento adequado ao programa. Devido a essa crítica falta de apoio, a ASSR foi extinta e reestruturada como o *Amsterdam Institute for Social Science Research* (Instituto para Pesquisa em Ciências Sociais de Amsterdã). O corpo docente de nossa escola foi dividido em dois departamentos, sociologia e antropologia, cada um com seu próprio perfil de pesquisa.

O par clássico se separou novamente? Temos um grande sim, uma vez que seus respectivos focos estão sobre o Ocidente e o Resto, o sinônimo dos últimos dias para os “mais” e os “menos” avançados. O retorno à separação é confuso em muitos aspectos, mas principalmente porque a distinção social e geopolítica entre os mais avançados e os retardatários faz, hoje em dia, ainda menos sentido do que fazia anteriormente. A reconhecida trajetória de transformação, ditada para as nações menos desenvolvidas sobre como alcançar as desenvolvidas, foi suprimida. O Resto não segue o Ocidente em muitas formas - e, quem sabe, a direção e o ritmo da mudança podem muito bem vir a provar o contrário. ■

Contato com Jan Breman <J.C.Breman@uva.nl>

> O legado austríaco da sociologia pública

Por **Rudolf Richter**, Universidade de Viena, Áustria. Presidente do Comitê Organizador Local do Terceiro Fórum de Sociologia da ISA, Viena, 2016



| Fábrica têxtil em Marienthal, 1914. Arquivos para a História da Sociologia na Áustria, Universidade de Graz.

O tema do Terceiro Fórum da ISA, formulado pelo Presidente do Fórum Markus Schulz, diz: *“O futuro que queremos: Sociologia Global e Lutas por um Mundo Melhor”*. O local do Fórum é um cenário adequado para esse tema: a sociologia austríaca tem buscado muito combinar o impacto científico com o compromisso social.

Na década de 1930, após o bramido dos anos 20 ter enfaixado a dor da Primeira Guerra Mundial, a Depressão atingiu a sociedade austríaca. Juntamente com o estatístico Hans Zeisel, Marie Jahoda e Paul Lazarsfeld realizaram o famoso “Marienthal Study” (Estudo de Marienthal), que analisou o impacto do desemprego em massa, na aldeia de Marienthal após um fechamento de fábrica. Na introdução à

primeira edição alemã do estudo, Marie Jahoda explicou as intenções dos pesquisadores: primeiro, contribuir para a solução do problema do desemprego em Marienthal, e, segundo, oferecer uma análise objetiva de uma situação social - nessa ordem. Essas intenções ainda orientam a sociologia austríaca: os esforços científicos sistemáticos em lidar com problemas sociais.

No prefácio a uma edição posterior, Paul Lazarsfeld observou que, além disso, os pesquisadores também tinham procurado desenvolver novos métodos no Marienthal Study: eles mediram a velocidade de caminhada dos moradores, distribuíram planilhas de tempo, pediram aos alunos para escrever uma redação sobre seus desejos, usaram dados estatísticos dos livros emprestados na biblioteca e

faziam as famílias manterem registros sobre suas refeições.

No contexto do tema do Fórum, vale a pena notar que os pesquisadores de Marienthal não fizeram qualquer juízo de valor sobre o futuro, nem inventaram futuros alternativos. Mas o estudo oferece um modelo de como “lutar por um mundo melhor”: é fornecida uma compreensão mais clara de um problema social que precisava ser resolvido. Mostrando as consequências do desemprego para os indivíduos, bem como para a comunidade, o estudo detalha a destruição dos padrões de vida diária e o caminho para a conformação. A detalhada consideração desse problema social fez a responsabilidade dos formuladores políticos irrefutável.

A comunidade científica em Viena





Marienthal Museu celebrando Marie Jahoda, Hans Zeisel, Paul Lazarsfeld e Lotte Schenk-Danzinger.
Arquivos para a História da Sociologia na Áustria, Universidade de Graz.

sociológicos científicos. Espero que o futuro da sociologia austríaca seja muito nessa tradição, como pode ser visto no blog do Fórum da ISA:

<http://isaforum2016.univie.ac.at/blog/>

A integração do conhecimento científico com o impacto social levanta questões intimamente ligadas ao tema do terceiro Fórum da ISA: *Que futuros queremos? E como podemos lutar por eles?*

Eu começo com a segunda pergunta: *Como é que vamos lutar?* É minha opinião pessoal que os sociólogos deveriam lutar como sociólogos: sistematicamente, cientificamente, analiticamente, com o interesse emancipatório uma vez reivindicado por Jürgen Habermas. Para os sociólogos, as lutas por um mundo melhor têm que envolver lutas pela melhoria dos métodos e teorias sociológicas, a fim de compreender os problemas sociais.

Isso leva à primeira questão: *Qual futuro que nós queremos?* Enquanto pudermos citar os problemas sociais de nossa sociedade atual - grande desigualdade, disparidades ou acesso diferenciado aos recursos, para citar apenas dois - será perigoso descrever um futuro ideal livre de tais problemas. As sociedades ideais são sempre totalitárias, especialmente quando um grupo de pessoas - até mesmo sociólogos - reivindicam saber a verdade.

Ao invés de pedir futuros específicos, talvez os sociólogos devessem afirmar, como Karl Popper poderia ter dito, que queremos futuros que estão abertos a mudanças, sociedades que têm uma história contínua.■

Contato com Rudolf Richter
<rudolf.richter@univie.ac.at>

também foi moldada por um outro grupo, o Círculo de Viena. Rudolf Carnap e outros defensores do positivismo lógico, incluindo o estatístico Otto Neurath, foram influentes na divulgação do conhecimento sociológico para o público - um padrão comum da sociologia austríaca. Juntamente com o artista Gert Arntz, Neurath inventou ilustrações estatísticas, e fundou em Viena o "*Gesellschafts- und Wirtschaftsmuseum*" (Museu de Sociedade e Economia), para a divulgação de estatísticas sociais ao público. O museu existe até hoje.

O positivismo lógico do Círculo de Viena é, no entanto, apenas um fio condutor da sociologia austríaca. O racionalismo crítico de Karl Popper acrescentou uma outra perspectiva. Seu famoso livro, "*A sociedade aberta e seus inimigos*", foi uma polêmica enérgica contra as sociedades comunistas "fechadas". Deixando de lado algumas das provocações do livro, o argumento político de Popper é muito claro: as sociedades têm de permanecer abertas para o futuro, mas todas elas têm, e terão, história. Qualquer esforço para fechar as sociedades em relação a influências externas e construir um mundo ideal - apesar de poder ter intenções humanitárias - leva ao totalitarismo. Isso não pode ser um dos "futuros que queremos".

As duas guerras mundiais do século XX tiveram um enorme impacto sobre a ciência austríaca e da Europa Central e Oriental. Após a Segunda Guerra Mundial, a sociologia austríaca começou do zero e, apenas na década de 1960, um departamento de sociologia foi fundado na Universidade de Viena. Inicialmente, a maioria dos sociólogos exploraram os problemas sociais como a habitação urbana, a situação dos jovens e as relações geracionais como suas principais áreas de pesquisa. Os sociólogos austríacos pesquisaram e coordenaram relatórios para o governo sobre a situação da família e a assistência em uma sociedade envelhecida. A partir dos anos 1970, mais pesquisadores analisaram os problemas de migração, aconselhando os formuladores políticos sobre as novas abordagens. A análise social estrutural sobre a desigualdade e a estratificação foram campos essenciais de pesquisa. Os estudos sociológicos continuam a receber uma grande quantidade de atenção pública, e muitas vezes são discutidos em jornais.

Nas últimas décadas, talvez a característica que define a sociologia austríaca tenha sido o amplo compromisso em estudar problemas sociais, aplicando sistematicamente métodos

> Os EUA e Cuba: reparar é difícil

Por **Luis E. Rumbaut**, Aliança Cubano-Americana, Washington DC, EUA e **Rubén G. Rumbaut**, Universidade da Califórnia, Irvine, EUA



O que aconteceu com a Revolução Cubana? Estátua de José Martí olha sobre a imagem de Che Guevara na Plaza de la Revolución, em Havana.

Em um discurso de treze minutos em dezembro passado, o presidente Barack Obama descartou como um fracasso a política de 53 anos destinada a estrangular a economia de Cuba. Os Estados Unidos - ou, pelo menos, o seu Poder Executivo - estavam prontos para tentar uma nova abordagem, a restauração de relações diplomáticas visando se tornarem bons vizinhos e parceiros comerciais. Parafraseando José Martí, herói nacional de Cuba e grande intelectual do final do século 19, as negociações tiveram de ser realizadas em silêncio, devido a interesses arraigados, as negociações de

paz poderiam ter afundado mesmo antes de começarem.

De repente, esses interesses foram expostos como paroquiais e autocentrados. O perigo da contrarrevolução não era nada se comparado com a ameaça representada pelas corporações norte-americanas, que tinham observado empresas de todo o mundo se estabelecerem em Cuba, especialmente no turismo. Muito mais era possível: agricultura, pecuária, indústria leve, ferramentas, bens de consumo, construção, habitação e transporte, até mesmo em empreendimentos conjuntos de alta tecnologia biomedica.





Presidents Raúl Castro and Barack Obama shake hands at the Summit of the Americas, April 2015.

Hoje, as empresas grandes e pequenas apoiam o presidente. Mais e mais pessoas viajam sob as regras recentemente afrouxadas. Mais e mais imigrantes e visitantes cubanos agora tomam como certa a liberdade de viajar entre Miami e Havana. A maioria dos conservadores de Miami são, na sua maioria, tão velhos quanto Fidel e Raúl; os recém-chegados, que não experimentaram a perda da riqueza no início da revolução, estão tomando seus lugares. Hoje, a nova política parece uma onda imparável.

Mas, enquanto as possibilidades são imensas, são assim também as complicações no caminho para a normalização. Restaurar as relações diplomáticas é apenas o primeiro passo.

> O modelo cubano atualizado

Anos atrás, antes do anúncio de Obama, Cuba começou a debater uma nova e necessária abordagem econômica. As discussões levaram a diretrizes abrangentes envolvendo concessões de terras improdutivas, a legalização de pequenas empresas, novas autonomias para as empresas estatais, e apoio às cooperativas agrícolas e não-agrícolas.

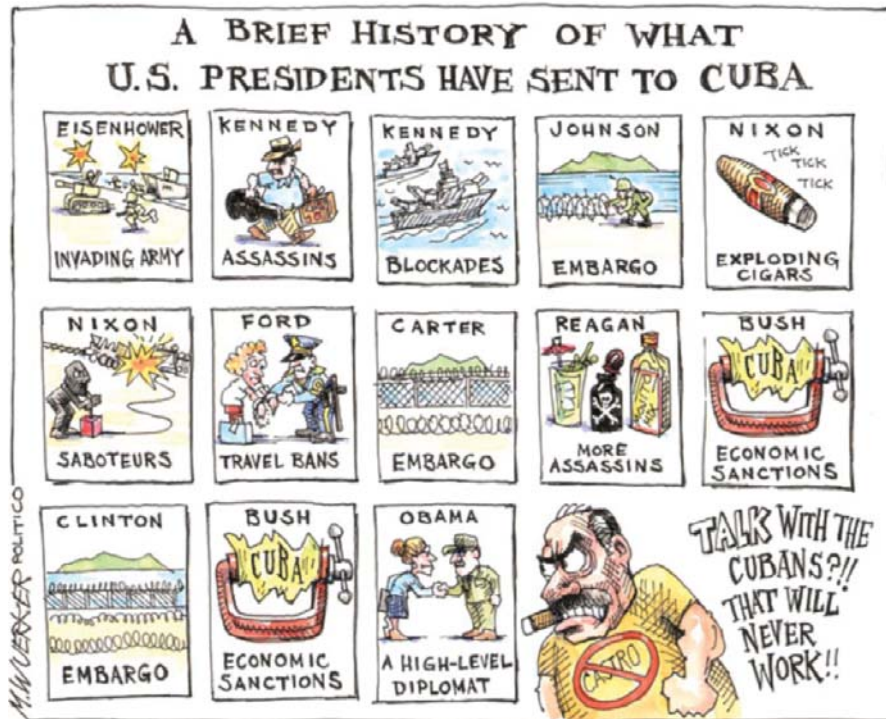
Sem dúvida, Cuba deve conseguir definitivamente gerar muito mais alimentos, substituindo as compras no exterior por gêneros alimentícios cultivados em casa. Os todo-poderosos pequenos agricultores e as cooperativas devem ver sua renda aumentar, criando uma demanda por novas indústrias urbanas. Com a melhoria dos serviços e o aumento dos salários, as pessoas irão desfrutar de circunstâncias materiais muito melhores. Mas, por enquanto, essa é a projeção, os resultados, até agora, são desiguais. Uma série de fatores complicam o quadro, incluindo a disponibilidade de insumos agrícolas básicos; transporte confiável entre o campo e as cidades; refrigeração para os produtos; caixas e sacos suficientes; máquinas e combustíveis agrícolas e muitas outras atualizações em um sistema há muito tempo travado pela infraestrutura inadequada.

Os empresários cubanos são muitas vezes ineficientes, faltando habilidades em alguns aspectos como a gestão de pequenas empresas, contratação e contabilidade geral - importantes não apenas para a saúde fiscal, mas também para o pagamento de impostos, uma preocupação relativamente nova com o encolhimento do Estado e a expansão do setor privado. O setor estatal - que permanecerá dominante, especialmente em relação ao açúcar, turismo, minas, petróleo e refinarias, saúde, biomedicina, educação, trens, viagens aéreas - também deve melhorar sua produtividade.

Cuba também enfrenta dois desafios incomuns: a necessidade de consolidar as moedas existentes (peso e peso conversível), e o envelhecimento da sua população. O primeiro tem sido uma demanda popular. O governo está se movendo gradualmente, reconhecendo que os cidadãos que agora usam principalmente o peso não conversível podem encontrar a moeda conversível mais forte ao seu alcance. O influxo de dólares e bens provenientes do estrangeiro - especialmente do sul da Flórida - afetam as famílias de forma diferente, dependendo se eles têm apoio de parentes no exterior.

O envelhecimento da população de Cuba não é único, mas cria desafios únicos. Os avanços da medicina de Cuba fizeram sua população viver mais tempo do que nas décadas anteriores; mas a emigração de jovens bem preparados complica o quadro, assim como a urbanização. As porcentagens decrescentes de trabalhadores jovens complicam, especialmente, os novos planos de uso do solo: a agricultura precisa de jovens, incluindo aqueles educados em agronomia, gestão dos solos, marketing e áreas afins. Entre os censos de 2002 e 2012, a população de Cuba caiu, pela primeira vez, desde a guerra de independência de Cuba no século XIX. A queda foi devido à baixa fertilidade e à emigração; durante essa década mais de 330 mil cubanos receberam residência permanente legal nos EUA.

Enquanto os novos planos econômicos de Cuba envolvem >>



esforços para aumentar a produtividade agrícola, pequenas novas empresas, melhorias na gestão de empresas estatais, o novo porto de Mariel, abrir o turismo (potencialmente enorme) aos Estados Unidos, e um comércio mais livre com todos os países, também devem contribuir para uma nova prosperidade.

> Os contínuos interesses dos EUA

A mudança de política dos Estados Unidos não deriva de bondade, mas de preocupações mais amplas. Muita coisa mudou na região, incluindo o sucesso de organizações como a ALBA-TCP, Unasul e Celac - nenhuma das quais envolvem os Estados Unidos - uma mudança brusca em relação ao passado, quando nenhuma organização interamericana poderia ter evitado oferecer um lugar de honra aos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a Rússia e, especialmente, a China fazem incursões na América Latina e no Caribe.

Os aliados tradicionais ressentiram a insistência dos Estados Unidos para que aderissem à política norte-americana em Cuba; nas Nações Unidas, no ano passado, apenas Israel votou a favor do bloqueio. Os Estados Unidos não poderiam acabar com Cuba. Pelo contrário, Cuba ganhou respeito e gratidão de países ao redor do mundo. Cuba venceu essa batalha, embora a paz não esteja garantida.

Os Estados Unidos provavelmente vão prosseguir com seus objetivos de transformar Cuba em uma ilha neoliberal de uma forma ou de outra. Essa previsão é mantida independentemente do partido ou do presidente no poder em Washington, mesmo que as empresas americanas encontrem oportunidades comerciais rentáveis.

> As eleições de 2016 e 2018

O que vem a seguir? A presidência de Obama termina em 2016. É possível que os republicanos tomem a Casa Branca, bem como as duas casas do Congresso. Os republicanos poderiam assumir a Casa Branca; a maioria de seus candidatos presidenciais atuais aceita a mudança de regime em Cuba como uma promessa não cumprida. Os democratas têm os seus próprios conservadores no Congresso; sua candidata presidencial na liderança, defensora do neoliberalismo e comprometida com o "soft power", disse que retornaria a América Latina e o Caribe para como eles eram durante os anos do governo de seu marido, antes da eleição de Hugo Chávez na Venezuela. A legislação federal determinando o bloqueio só pode ser desfeita por uma maioria de votos da Câmara e do Senado.

Em 2018, Cuba deve ter um novo presidente, provavelmente o atual primeiro vice-presidente, Miguel Díaz-Canel. Ele assumirá a condução da nova economia, bem como da nova sociedade. Ele declarou que Cuba continuará a ser socialista, mesmo se as forças do mercado tiverem espaço para operar e uma nova classe empresarial consolidar sua posição.

Muitos países estão esperando para uma reconciliação da superpotência e a ilha teimosa. É possível. As novas políticas públicas - políticas, nos EUA, econômicas, em Cuba - favorecem o aparecimento de uma era de relações mutuamente benéficas, mas os 55 anos de desentendimentos não serão logo esquecidos.

Por agora, nós sabemos uma coisa: os Estados Unidos e Cuba permanecem a 90 milhas de distância um do outro. ■

Contato com Rubén G. Rumbaut <rrumbaut@uci.edu>
e Luis Rumbaut <lucho10@earthlink.net>

> Sobre racismo e revolução

Uma entrevista com o ativista cubano Norberto Mesa Carbonell

Desde 1959, a revolução cubana foi dedicada à igualdade racial. Em um país onde a escravidão foi abolida somente em 1886, a revolução ofereceu a muitos cubanos negros seu primeiro acesso à terra e à educação, através das novas políticas igualitárias universais, e um compromisso explícito com a eliminação da discriminação racial. Mesmo estudiosos críticos argumentam que embora alguém da democracia racial, Cuba tem feito mais do que qualquer outra sociedade para erradicar a desigualdade racial.

No entanto, uma vez que o “período especial” de Cuba começou no início de 1990, os recursos têm sido severamente limitados. As reformas orientadas para o mercado vieram com o preço de aumentar as desigualdades, que não são indiferentes ao racismo: as tensões raciais aumentaram substancialmente. Para contrariar essa tendência, vários artistas e intelectuais públicos negros criaram uma vibrante cena ativista antirracista, em parte ligada ao apoio do “*Regional Afro-descendant Articulation of Latin America and the Caribbean, Cuban Chapter*” (Articulação Regional Afrodescendente da América Latina e do Caribe, Capítulo Cubano), financiado pelo governo.

Foi em um dos eventos do Chapter, que a entrevistadora, Luisa Steur, conheceu **Norberto Mesa Carbonell** – um homem negro de sessenta anos de idade, inclinando-se sob sua cadeira, com os olhos cheios de paixão política. Seguem excertos de várias longas entrevistas do final de 2014 e início de 2015. Luisa Steur é da Universidade de Copenhagen e faz pesquisa em Cuba. Uma versão mais longa dessa entrevista está disponível na *Global Express*: <http://isa-global-dialogue.net/?p=4222>



| Norberto Mesa Carbonell.

LS: Norberto, você pode nos contar um pouco sobre você?

NMC: Politicamente, eu sou complicado. Uma das primeiras grandes campanhas da revolução foi a Campanha de Alfabetização de Cuba (1961); eu mal tinha feito dez anos quando comecei a ensinar os outros a ler e escrever! Em 1963, quando o furacão Flora varreu a ilha, eu tinha treze anos, com uma brigada, colhi café no Oriente. Eu nem tinha dezesseis anos, em maio de 1966, quando houve uma grande mobilização militar: estávamos lá, por trás dos canhões, à espera de barcos americanos! Isso quer dizer, fui criado com a prática da revolução. Por outro lado, eu li muito. Eu era um líder do meu grupo trabalhador, organizador de uma célula do partido.

A revolução significou muito em minha vida. Mas algo a-conteceu em 1980 que me fez deixar o partido. Durante



o “êxodo de Mariel”, muitas pessoas pobres, muitos negros, estavam deixando Cuba, por causa da pobreza. Nós deveríamos tratá-los como traidores, jogar ovos contra eles. Eu me encontrei em uma reunião na qual um jovem camarada estava sendo criticado porque ele se recusou a participar. Eles o expulsaram! Ao sair dessa reunião, pensava, se meu irmão saísse em um barco, e as pessoas quisessem tratá-lo assim, como escória, eles teriam que lutar contra mim em primeiro lugar. E assim, eu decidi enviar uma carta solicitando a minha demissão. Era uma questão de consciência.

A revolução alcançou muitas coisas positivas, inclusive para os negros. É por isso que eu continuo defendendo as instituições do governo, enviando-lhes cartas públicas; ao contrário dos dissidentes políticos, eu ainda considero positivamente essas instituições. E eu permaneci um revolucionário segundo a definição de Fidel. A maioria dos negros está com a Revolução - é lógico, dado tudo o que a revolução trouxe para o povo negro. Mas isso não quer dizer que devemos ser “gratos” para sempre.

Então, quando veio a década de 1990, com as crescentes desigualdades, incluindo as desigualdades raciais, criamos a Cofradía de la Negritud (Confraria da Negritude) para combater a discriminação racial. O que está ameaçando a Cofradía é que não podemos ser rotulados como dissidentes políticos. Nós trabalhamos dentro do discurso socialista, mesmo que sejamos críticos: nós simplesmente não queremos o socialismo com discriminação racial! Nossas chamadas de luta são para o Partido Comunista enfrentar o problema do racismo em Cuba. Enquanto o partido não explicitar o problema, todas as outras instituições estarão hesitantes em agir.

LS: Quais são os principais problemas relacionados ao racismo em Cuba hoje? E você já vivenciou algum deles?

NMC: As organizações de pessoas negras têm sido muitas vezes reprimidas, acusadas de serem “racistas”. Os negros tiveram pouca chance de formar uma identidade positiva. Você pode ver nessa ideia de adelantar (avançar), o que significa casar com uma pessoa branca, se livrar da escuridão! Esse ideal de branqueamento limita a extensão em que as pessoas podem se identificar com sua condição racial. Isso torna mais difícil enfrentar os problemas raciais atuais mais graves, que são sobre negros serem excluídos de cargos bem remunerados na economia cubana.

Tive alguma experiência própria. Por anos, eu trabalhei na Marina Hemingway. Comecei lá em 1997, quando um vizinho tornou-se o chefe das lojas lá. Então, eu perguntei se havia um trabalho para mim - afinal, éramos da mesma aldeia, tínhamos trabalhado juntos antes. E, na época, eu tinha experiência na recepção de hotéis internacionais, e eu falava inglês. Então ele disse, “Norberto, eu vou ajudá-lo, mas ouça, isso que você está falando sobre trabalhar na recepção ou nas lojas? Isso não é possível. Vou colocá-lo para trabalhar no armazém porque aqui na Marina Hemingway,

os negros não trabalham em contato com o público”. E isso era para alguém que era um líder do partido! Eu precisava do emprego, então eu disse: “Ah, sim, o armazém, por que não ...”

Depois de um tempo, eu ouvi que eles estavam procurando porteiros e consegui garantir uma posição. Havia cinco de nós - dois que tinham algum apoio de um superior e se sentiam seguros, enquanto eu e os outros dois, todos os três negros, haviam estudado inglês. Mas quem foram os primeiros a serem enviados para a requalificação quando o hotel não precisou mais de tantos porteiros? Claro, nós três negros que, na verdade, falávamos inglês! Eu fui enviado para ser treinado como um guarda de segurança. Lembro-me de entrar no lugar para o qual fomos enviados. Havia poucos negros no setor do turismo, mas lá, onde eles enviam o excesso de pessoal para requalificação profissional era pelo menos 60% de negros!

Mas as coisas pioraram: eles me demitiram, de maneira totalmente ilegal. Eu reclamei para o sindicato, mas nada aconteceu. Eu decidi fazer uma reclamação com base na violação do direito à igualdade, previsto no Código Penal. Fui a um escritório de advocacia primeiramente; de lá, fui enviado ao escritório dos procuradores municipais, que eventualmente me mandaram para a delegacia. Lembro-me de dizer à funcionária que queria fazer uma reclamação a respeito do direito à igualdade. Ela olhou para mim com total incompreensão: “violação do direito à igualdade?” “Sim companheira, eu quero acusar o gerente do hotel de discriminação racial!” Ela estava estupefata! O chefe da unidade tomou a minha reclamação - e eles começaram uma investigação! O hotel ficou cheio de comoção: o investigador de polícia levou a sério e o gerente do hotel foi transferido para outro hotel. Mas, eventualmente, eu recebi uma carta do procurador afirmando que o tema da minha queixa não constituía uma infração penal; não havendo recurso possível. E foi aí que isso morreu.

A Cubatur estava buscando contratar guias turísticos. Fui correndo; com a minha experiência no hotel e com o inglês eu estava perfeitamente qualificado! Foi-me dito que o gerente não estava, para voltar no dia seguinte. No terceiro dia, eu estava esperando o gerente quando dois jovens, homens brancos, entraram falando sobre o trabalho que eu estava esperando. De repente, o gerente parecia estar lá! Quando eu quis me juntar aos dois rapazes ali dentro, foi-me dito que não havia vagas remanescentes.

Esses problemas existem em todos os melhores postos de trabalho em Cuba. A maior parte da minha vida eu trabalhei como um geneticista em uma das mais avançadas empresas de laticínios de Cuba, criando vacas holandesas. No início, quando eu estava em reuniões de alto escalão e notava que quase todos os outros funcionários eram brancos, não pensava muito nisso. Hoje em dia, eu presto mais atenção. Muitas vezes eu tenho visto os negros, bem-qualificados para os





Um comentário ambíguo sobre o lugar do racismo em Cuba hoje. “Água Blanca, Água Negra”, escrito nos tanques de água acima Calle-jón de Hamel em Havana Central, como parte de uma iniciativa de arte comunidade a reconhecer a cultura afro-cubana. Foto por Luisa Steur

seus empregos, sendo substituído por brancos. Isso aconteceu no último trabalho que eu tive em uma empresa biofarmacêutica de prestígio de Cuba: eles estavam tentando se livrar de todos os profissionais negros - e de mim ainda mais por causa do meu ativismo. Muitos dos meus colegas negros saíram por causa do assédio. No final, eu escolhi uma aposentadoria antecipada.

No ano passado, nossa organização escreveu uma carta aberta ao CTC (o Sindicato Central dos Trabalhadores de Cuba), pedindo-lhes para denunciar esse racismo, mas eles fizeram alguma coisa? Nada. Precisamos que o partido assuma a liderança e reconheça que o problema existe. Enquanto isso não acontecer, nenhuma outra organização da sociedade civil vai falar sobre isso. “A construção de um socialismo próspero e sustentável” é a ordem do dia. “Próspero e sustentável”, ótimo - mas e o racismo?! Todas essas novas reformas econômicas, atraindo investimento estrangeiro, aumentando o cuentapropismo (pequeno empreendedorismo) - tudo isso obriga o agravamento da desigualdade racial no país.

LS: O problema econômico do racismo em Cuba diz respeito principalmente aos trabalhadores negros mais qualificados, mais educados?

NMC: O principal problema do racismo em Cuba é a pobreza. Muitos jovens negros não podem ir para a universidade. Em vez de estudar, muitos assumem pequenos trabalhos simplesmente para manter a família. Como é possível trazermos quase mil jovens paquistaneses aqui para estudar e se tornarem médicos, pagar por sua educação, mas não podermos fornecer isso aos cinco mil jovens cubanos pobres que precisam de dinheiro para estudar? Essa revolução supostamente era para ser “pelos humildes, para os hu-

mildes” - e agora apenas as famílias com dinheiro podem deixar seus filhos estudarem?

Você sabe que em Cuba há milhares de acres cheios de ervas daninhas, porque as pessoas não querem trabalhar na terra. Ao mesmo tempo, nós temos todas essas pessoas que migraram para as cidades, mas não conseguem encontrar um lugar adequado para viver. Minha sugestão é encontrar famílias negras que querem se mudar para o campo e criar uma comunidade agrícola. Claro, eles precisam de muito apoio, insumos, um trator, etc. Por que não pedir apoio financeiro a alguma ONG? É claro que o Estado cubano tem que lhes conceder a posse da terra. Atualmente, terras estão sendo vendidas em todo o lugar, então, por que não?

Aqui em Cuba, no século XIX, algumas fazendas na verdade pertenciam a negros livres, particularmente na província de Oriente. Muitos negros livres lutaram na Guerra da Independência [contra a Espanha] - eles deixaram suas fazendas para participar do Exército de Libertação. Mas as empresas americanas compraram suas terras, porque seus títulos de propriedade não foram registrados corretamente. O que aconteceu com esses negros? Eles estavam prontos para protestar, claro. Para recuperar sua terra, muitos deles aderiram à revolta de 1912 na província oriental, liderado pelo Partido Independiente de Color (Partido Independente de Cor). Na repressão que se seguiu, muitos deles foram mortos.

Portanto, esse programa de reassentamento hoje é uma questão de justiça histórica - esse governo dar terra para essas pessoas seria um grande gesto. Deve ser para aqueles que querem - um programa de justiça histórica para famílias negras, mas se alguns brancos desejarem se unir, por que não? Mas, para os negros, essa é uma das poucas maneiras de melhorar suas condições econômicas.

LS: Como você se mantém atualmente, como você encontra os recursos para organizar as atividades da Co-fradía?

NMC: Eu vivo com uma pensão paga em pesos, alguns dólares, e não é fácil. Eu trabalho à noite como segurança para um cara rico, por US\$30 por mês. É difícil manter a organização com tão pouco dinheiro - as pessoas que viajam de longe esperam pelo menos alguma coisa para comer. Às vezes, temos que adiar reuniões simplesmente porque não temos os meios e todo mundo está muito ocupado “luchando” [fazer face às despesas]. Mas, pelo menos, as pessoas sabem que estamos fazendo isso com sinceridade, não com segundas intenções. E vamos continuar, isso é certo. Eu não posso pensar que meus netos enfrentarão os mesmos problemas que enfrentei ou pior, voltando para onde estávamos antes da revolução. ■

Contato com Luisa Steur <luisasteur@yahoo.co.uk>
e Norberto Mesa Carbonell <nmesacarbonell@gmail.com>

> Notícias arrebatadoras de Havana¹

Por **Luisa Steur**, Universidade de Copenhagen, Dinamarca



Caminhão de lixo no centro de Havana.
Foto por Luisa Steur.

De zessete de dezembro de 2014, o dia em que Obama anunciou que Estados Unidos e Cuba reatariam completamente relações diplomáticas, foi um dia memorável em Havana. Juan, um ex-boxeador que se tornou gari, e que é *muy fidelista*, recebeu a notícia por meio da televisão meio quebrada que ele encontrou um dia no lixo e instalou no pequeno escritório do serviço de limpeza pública deste distrito de Centro Havana. Quando, ao escutar alguns fragmentos do discurso de Raúl Castro, Juan descobre que todos os Cinco Heróis Cubanos foram libertados, é tomado pela emoção: finalmente as exigências de marchas e murais espalhados por toda Cuba ao longo de tantos anos foram cumpridas. Mas ao anoitecer, quando o encontro de volta em sua *lucha* cotidiana, vasculhando lixo em busca de latinhas para ven-

der, já surgiu entre seus companheiros uma discussão muito mais mundana: será que quando retornassem a Cuba esses heróis seriam recompensados por todos os anos que passaram na prisão? Talvez um carro e uma casa? O comentário meio protocolar de Juan, de que nada poderia compensar o que eles sofreram numa prisão yanki, é recebido com um silêncio agnóstico por seus colegas.

Mari, vizinha de Juan, assiste as notícias de um canal ilegal de Miami na televisão de tela plana de sua patroa. A transmissão é sobre a filha de um piloto dos Estados Unidos, uma jovem com distúrbios mentais que foi baleada por militares cubanos depois que um dos Cinco informou as autoridades cubanas sobre uma ação que a mulher considerava uma “intervenção humanitária”, mas que os cubanos consideraram



um “ataque terrorista”. A patroa é dona de uma pousada, e Mari, a responsável pela limpeza; ela manda Mari voltar ao trabalho. *“Essa chica vive sonhando em trabalhar no México – ela não tem ideia do que é trabalhar de verdade, no capitalismo”*. Quando a patroa sai, Mari responde em tom de desafio: *“A bruxa – deixa só ela ver como vai se virar sem mim. Os turistas só param aqui por minha causa!”* E acrescenta com otimismo que, com as últimas notícias, nem será preciso ir para o México: a economia cubana certamente vai voltar a prosperar, virão mais turistas, a vida será melhor.

Mas a vida melhorará mesmo para pessoas como Juan e Mari? Assim como muitos cubanos, eles acreditam que a mudança será positiva. A abertura econômica significa que dólares começarão a entrar; que os níveis de vida voltarão ao patamar pré-1989, quando os cartões de suprimentos garantiam alimentação adequada e os cidadãos cubanos desfrutavam de cuidados de saúde e oportunidades educacionais generosos. Poucos imaginam a possibilidade de que 17 de dezembro de 2014 possa marcar o início da era pós-socialista, um caminho de privatização, mercantilização, transformação do Estado e desigualdade.

Juan, por exemplo: como gari empregado pelo Estado, ele ganha cerca de 800 pesos (algo como 32 dólares) – mais do que seus chefes. Mas muitos dos superiores de Juan mantêm-se ocupados gerindo propriedades que alugam para turistas (por uma média de 30 dólares por noite em pesos convertíveis): eles têm redes internacionais e geralmente transformam suas prerrogativas organizacionais em nichos lucrativos no mercado. Para Juan, o único modo de ganhar algum dinheiro extra é sua carrocinha de sucata, além dos vizinhos que às vezes o pagam para limpar a bagunça após um evento. Seu cartão de suprimentos garante apenas itens básicos – nem legumes ou verduras, nem carne, nem tampouco o leite de que precisa para aliviar uma úlcera crônica. Depois de dez anos em Havana, ainda não conseguiu um endereço fixo; e sem uma prescrição médica, precisa comprar Omeoprazol no mercado negro. Sua ansiedade é intensificada pelos rumores de que os serviços municipais mantidos pelo Estado serão entregues a “cooperativas”, algo que até pode levar a aumentos de salários, mas que também envolverá demissões – que talvez o incluam.

Mari ao menos tem um endereço registrado e dinheiro suficiente para fazer vários dos serviços socialistas funcionarem a favor de sua família. Mas como trabalhadora “autônoma” (*cuentapropista*) – uma categoria em cresci-

mento em Cuba –, seus ganhos são de apenas 40 dólares por mês, sem seguridade, benefícios ou aposentadoria. Sua patroa recusa-se a registrá-la e suborna os inspetores, cobrando os custos de Mari. Seu salário, assim, reduz-se a zero, o que a torna totalmente dependente das gorjetas dos turistas. Mari e a patroa podem até discutir sobre quem atrai os turistas para a pousada, mas a negociação é claramente desigual: contando as gorjetas, Mari ganha no máximo cerca de 25 dólares por semana, enquanto sua empregadora consegue até 50 dólares por noite. Mari vive na linha da pobreza, enfrentando a perspectiva de envelhecer sem ter conseguido assegurar uma aposentadoria ou qualquer poupança.

Infelizmente, essas histórias ecoam as experiências do leste europeu após o fim do socialismo, quando novas “cooperativas” deixaram muitos trabalhadores sem nada e ao mesmo tempo ex-gestores estatais transformaram suas prerrogativas organizacionais em (quase) direitos de propriedade, apoiando com entusiasmo as privatizações. Em Cuba, uma classe crescente de *kulaks* urbanos – os proprietários que se beneficiam do turismo e dos negócios imobiliários – possivelmente pressionarão pela desregulamentação, pela garantia dos títulos de propriedade e pela redução dos impostos, movimentos que virão às custas da maioria dos trabalhadores e que podem terminar de despedaçar a rede de proteção socialista.

Mas é claro que Cuba não é o leste europeu. O socialismo de Cuba foi construído sobre uma revolução real, longamente desejada, preparada pacientemente e com apoio popular, e não sobre a ocupação soviética. Socialismo e revolução são autóctones em Cuba, realidade que transparece no orgulho dos trabalhadores, bem como no animado e populista *savoir vivre* socialista que marca o Centro de Havana. Em um contexto internacional em transformação, Cuba talvez possa embarcar em uma via neossocialista, ao invés de pós-socialista – mas para que isso aconteça, será necessário reconhecer e debater publicamente os riscos que uma trajetória pós-socialista acarreta. ■

Contato com Luisa Steur <luisasteur@yahoo.co.uk>

¹ Realizei pesquisa de campo em Havana entre setembro de 2014 e janeiro de 2015, vinculada ao Instituto Cubano Juan Marinello de Investigación Social. Agradeço aos participantes do “Seminário Internacional de Antropologia Sociocultural”, que ocorreu no Centro (de 9 a 12 de janeiro de 2015) e do qual fui uma das organizadoras, e aos convidados da Comissão para Transformações Globais e Antropologia Marxiana da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences) por algumas das ideias deste texto. Os trabalhadores que aparecem no artigo receberam pseudônimos e são, em parte, ficcionalizados.

> O movimento *Sunflower* e a sociologia combativa de Taiwan

Por **Ming-sho Ho**, Universidade Nacional de Taiwan, Taiwan



Movimento Sunflower de Taiwan que colocou desafios ao papel público da sociologia.

Em protesto contra um avassalador acordo de livre comércio com a China, os estudantes universitários de Taiwan tomaram a sessão legislativa na noite de 18 de março de 2014, dando início a uma inesperada ocupação do parlamento que se estendeu por 24 dias e uma subsequente crise política. O movimento *Sunflower*, como ficou conhecido, serviu de inspiração e já foi muitas vezes relacionado à *Umbrella Revolution*, ocorrida em Hong Kong seis meses depois. Tratou-se do maior e mais longo episódio de resistência coletiva em Taiwan, onde o ativismo tem florescido desde que os conservadores do Kuomintang reconquistaram o poder nacional em 2008. Ao cabo, o movimento Sunflower teve um desfecho pacífico, com a suspensão da tramitação do acordo de livre comércio no legislativo.

Taiwan não tem qualquer tradição de desobediência civil e sua cultura política conservadora, em geral, não é solo fértil para protestos radicais. Ainda assim, o movimento *Sunflower* desfrutou de apoio popular considerável. Ao menos três razões que se sobrepõem podem ser levantadas: primeiro, buscava defender os procedimentos democráti-

cos, exigindo mais transparência nas negociações internacionais; segundo, protestava contra o livre comércio; terceiro, expressava uma mobilização nacionalista contra a China. Houve até mesmo elementos de uma defesa polanyiana da proteção social nesse protesto anti-governo tão incomum, uma vez que a ambição territorial da República Popular da China sobre Taiwan enquadra-se, no momento, como “estímulo às trocas econômicas trans-estreito” – um comércio percebido, em geral, como favorecendo as grandes corporações em detrimento dos assalariados e da democracia.

A comunidade sociológica de Taiwan – professores e estudantes – envolveu-se profundamente com esse protesto sem precedentes. Em resposta à convocação de greve estudantil nacional pelos líderes do Sunflower, os departamentos de sociologia das universidades de Tsinghua, Taipei e Sun Yat-sen suspenderam as atividades docentes, desafiando as reitorias e o Ministério da Educação. Muitos sociólogos profissionais realizaram aulas públicas, tanto nas proximidades do parlamento sitiado quanto nos campi. Em um experimento de democracia deliberativa, muitos estudantes e professores participaram de discussões sobre



livre comércio, desemprego entre os jovens e outros assuntos. Muitos estudantes de sociologia acamparam no parlamento ocupado, desde Chen Wei-ting (um líder carismático do *Sunflower* que estuda na Universidade Tsinghua) até voluntários e participantes anônimos. Após uma votação online em que os membros da Associação Sociológica de Taiwan decidiram com unanimidade, a entidade publicou um manifesto pró-Sunflower em 25 de março. Em novembro, como um gesto de reconhecimento do ativismo estudantil, a Associação convidou Wei Yang, um dos principais ativistas, para proferir a palestra principal em seu encontro anual.

Ainda assim, uma minoria de vozes dissidentes entre os sociólogos taiwaneses reprovou o envolvimento de professores. Quando o boletim da associação publicou um artigo condenando a participação com base na “neutralidade axiomática”, recebeu em resposta uma discussão a respeito da relevância atual desse conceito weberiano. É interessante que esse debate sobre a missão e a importância pública da sociologia demonstrou a saúde e vitalidade da disciplina.

O envolvimento da primeira linha da sociologia taiwanesa atraiu, naturalmente, a ira dos conservadores. Um congressista do Kuomintang acusou publicamente os sociólogos de “não fazer nada além de incitar os estudantes a ir às ruas” e solicitou ao ministro da educação que analisasse os departamentos de sociologia das universidades públicas. Essa difamação estimulou respostas imediatas, e muitos estudantes e professores redigiram artigos em defesa do espírito crítico da sociologia – o que provou ter sido uma ocasião preciosa para reafirmar publicamente a importância da disciplina. Os departamentos de sociologia passaram a receber uma onda de ligações telefônicas protestando, o que foi bem desagradável pois os autores não se identificavam e usavam linguagem insultuosa, molestando os fun-

cionários. O departamento de sociologia da Universidade Sun Yat-sen recebeu uma ligação de alguém que se identificava como pai de uma aluna. Ele condenava a suspensão das aulas que, segundo ele, prejudicaria o futuro de sua filha, a apenas três meses da formatura. (Na verdade, o departamento havia sido fundado recentemente, e não possuía nenhum aluno no quarto ano na época dos protestos.)

Fazendo um balanço, o impacto imediato do movimento *Sunflower* sobre a sociologia taiwanesa é quase certamente benéfico. Com as aulas públicas, os ensaios de democracia deliberativa e a elaboração de artigos de opinião, a visibilidade pública da disciplina aumentou. Um número crescente de estudantes que participaram dos protestos agora mostra interesse pela sociologia, porque suas ferramentas conceituais são apropriadas para investigar como o poder é mantido, exercido e desafiado na sociedade contemporânea. As inscrições para o curso de pós-graduação em sociologia da Universidade Nacional de Taiwan dobraram em 2015 e muitos candidatos mencionaram sua experiência durante o movimento *Sunflower* como o principal motivo para buscarem esse aprofundamento.

Embora não possamos saber qual será o impacto de longo alcance do movimento *Sunflower*, a experiência passada oferece pistas. O movimento *Wild Lily* de 1990, um protesto pró-democracia iniciado pelos estudantes e que obteve sucesso, trouxe sangue novo para nossa disciplina. Muitos ex-ativistas estudantis são hoje sociólogos profissionais na casa dos 40 ou 50 anos. Suas atividades de ensino e pesquisa construíram o caráter engajado e combativo da sociologia taiwanesa. Do mesmo modo, com o tempo, a geração *Sunflower* deve também moldar os contornos da nossa disciplina. ■

Contato com Ming-sho Ho <mingshoho@gmail.com>

> Qual vem primeiro?

O movimento trabalhista ou o ambiental?

Por **Hwa-Jen Liu**, Universidade Nacional de Taiwan e tesoureiro do Comitê de Pesquisa em Movimentos dos Trabalhadores (RC44) da ISA



Comício anti-nuclear de Taiwan após a catástrofe de Fukushima, 30 de abril de 2011.
Foto por Hwa-Jen Liu.

Em 13 de novembro de 1970, o trabalhador têxtil coreano Chun Tae-il liderou um protesto de dez pessoas contra as condições duras de trabalho, exigindo “jornada de trabalho de nove horas e quatro dias de folga por mês”. Ao final do confronto, Chun ateou-se fogo gritando “Não somos máquinas! Aproveitem o código trabalhista”. A autoimolação de Chun e as lutas que ela inspirou deram origem a um crescente movimento sindicalista,

expondo os profundos conflitos entre capital e trabalho abrigados sob o esquema desenvolvimentista maquinado pela junta militar.

Quatro meses antes, em Taiwan, 95 fazendeiros exigiram compensações financeiras e a realocação de uma planta de processamento de alimentos próximos, que havia despejado líquidos tóxicos diretamente no sistema local de irrigação, causando danos às colheitas por dois anos seguidos. Esse

episódio, somado a 64 petições similares, piquetes e confrontos ocorridos no mesmo ano, marcaram o primeiro pico de mobilizações antipoluição em Taiwan, com o objetivo de frear a expansão industrial ilimitada promovida pelo Estado desenvolvimentista.

Nem o protesto de Chun nem as demandas dos fazendeiros taiwaneses foram incidentes isolados. Eles colocam-nos diante do seguinte cenário: heranças coloniais similares, poder au-





Funeral for two workers who committed suicide as part of National Labor Protest. November 13, 2003.

Photo by Hwa-Jen Liu.

toritário e industrialização acelerada produziram condições duras de trabalho e degradação ambiental em ambos os países. Mas os movimentos sociais se desenvolveram em direções opostas. O movimento dos trabalhadores na Coreia e o movimento ambientalista em Taiwan começaram a tomar forma simultaneamente, mas levou uma década para que a degradação ambiental na Coreia e as exigências trabalhistas em Taiwan mobilizassem o mesmo nível de interesse público. Considerando as similaridades estruturais entre Taiwan e Coreia, por que as seqüências de desenvolvimento de seus movimentos dos trabalhadores e ambientalista deram-se em ordem invertida?

O segredo está na realização e nos limites de dois tipos de poder dos movimentos sociais – as características particulares que dão aos movimentos a capacidade de influenciar o mundo – no contexto dos estados desenvolvimentistas e das economias corporativas. O poder dos trabalhadores organizados está em seu papel indispensável no sistema de produção e na oferta de serviços. Recusando-se a trabalhar, os trabalhadores impedem que os capitalistas obtenham lucro. Por outro lado, o movimento ambientalista não tem qualquer poder organizacional dessa ordem, mas depende da habilidade discursiva de persuadir a sociedade com uma nova ideologia, baseada na prerrogativa de trabalhar por objetivos universais e pelo bem

coletivo.

Ainda que os Estados taiwanês e coreano fossem ambos autoritários nos anos 1980, adotaram estratégias distintas para lidar com os movimentos sociais: o Estado coreano empregou pesada repressão e o taiwanês, a incorporação. Essas estratégias diferenciais obtiveram sucesso em conter o movimento ambientalista na Coreia e o dos trabalhadores em Taiwan, mas o primeiro encontrou um meio de responder à cooptação, assim como o segundo, de lidar com a repressão.

Quando os trabalhadores coreanos eram reprimidos e suas demandas desprezadas, os sindicatos lançaram mão de artifícios para fortalecer sua infraestrutura organizacional e construir laços de solidariedade entre os trabalhadores; a repressão não conseguiu impedi-los de construir suas bases de poder. Quando o governo aparentemente todo-poderoso de Taiwan falhou em resolver problemas ligados à enorme poluição ambiental, as vítimas da poluição e ativistas ambientais aprenderam a inquirir níveis administrativos mais altos, realizar ações de confronto e discutir suas causas com qualquer um que estivesse disposto a ouvi-los, inclusive os veículos midiáticos. O resultado foi a ampla disseminação das ideias ambientais e a acumulação de poder ideológico. Ironicamente, ainda que o contexto político não permitisse aos movimentos alcançar resultados satisfatórios, de-

terminados tipos de estratégias eram favorecidos. Assim, o movimento dos trabalhadores coreanos consolidou sua influência e o movimento ambientalista taiwanês desenvolveu suas capacidades ideológicas – daí a emergência precoce dos diferentes movimentos.

Quando os dois movimentos que surgiram primeiro se estabeleceram em seus países como as principais forças de oposição, definiram padrões nacionais de construção de poder. O movimento dos trabalhadores na Coreia deixou um legado de militância rígida e de auto-organização, enquanto os ambientalistas de Taiwan seguiram se sustentando sobre estratégias que envolviam pragmatismo, negociações políticas e compromissos. Os movimentos subsequentes – o movimento ambientalista que se seguiu ao movimento dos trabalhadores na Coreia e o movimento de trabalhadores que veio depois do ambientalista em Taiwan – reagiram aos seus predecessores e adotaram seus esquemas em suas próprias estratégias organizacionais e culturais.

A comparação revela duas trajetórias diametralmente distintas estruturadas em torno ao tipo de poder de cada movimento. Nos dois países, o movimento dos trabalhadores alcançou poder e influência organizando-se em indústrias estratégicas como automobilística, petroquímica, naval e nos correios; os movimentos ambientalistas maximizaram o poder ideológico dominando a arte das campanhas de





Luta trabalhista nacional da Coreia do Sul, 13 de novembro, de 2003.
Foto por Hwa-Jen Liu.

mas fracos na produção discursiva, ao passo que o movimento ambientalista tendeu a ser mais forte na produção discursiva e menos na mobilização de base. Cada movimento detém um conjunto específico de habilidades e talentos naturais que sua contraparte não tem e necessita.

Essa comparação entre movimentos ressalta a complementaridade mútua dos movimentos ambientalista e dos trabalhadores. Usando o “poder de movimento” como conceito central para reorientar as discussões sobre a emergência, sequência e as trajetórias dos movimentos, os casos de Taiwan e Coreia evidenciam as bases para uma aliança trabalho-ambientalista. A comparação pode estimular acadêmicos e ativistas a reconsiderar o passado e o futuro dos movimentos de trabalhadores e ambientalista, duas forças que moldaram significativamente a vida social – e nossa imagem do futuro – na época moderna.¹ ■

Contato com Hwa-Jen Liu
<hjliu@ntu.edu.tw>

¹ Uma discussão mais aprofundada pode ser encontrada em *Leverage of the Weak: Labor and Environmental Movements in Taiwan and South Korea*, 2015, Minneapolis: University of Minnesota Press.

relações públicas e atraindo as manchetes dos jornais.

Mas a maximização do poder teve um preço. Os trabalhadores organizados foram acusados de representar uma “aristocracia de trabalhadores”, o que lhe custou algum apoio popular. Sua base de poder erodiu ainda mais quando o capital realocou fábricas, eliminou garantias de estabilidade nos empregos e começou a utilizar trabalhadores imigrantes e contingentes “inorganizáveis”.

Enquanto isso, nos dois países, conforme a proteção ambiental foi se incorporando ao discurso público, surgiram novos e poderosos adversários. Agências governamentais de proteção ambiental, empresas de consultoria ambiental e think tanks privados vieram à cena para desafiar o monopólio do movimento sobre os discursos ambientais. Os movimentos de Taiwan e da Coreia começaram a perder batalhas contra o poder das corporações,

em parte porque suas visões ecológicas não incluíram preocupações acerca da sobrevivência econômica dos pobres.

Com essa crise, os movimentos dos trabalhadores e ambientalista esforçaram-se para adquirir uma segunda fonte de poder, compensando desse modo as limitações de suas vantagens originais. Os movimentos de trabalhadores buscaram articular suas preocupações em termos de interesse público em sentido amplo, enquanto os ambientalistas tentaram obter mais influência direta para combater a supremacia das corporações.

Foi também no momento de crise que surgiu a possibilidade de uma genuína aliança entre trabalhadores e ambientalistas, dado que os dois lados começaram a simpatizar um com o outro e apreciar os desafios e habilidades desenvolvidas pelo outro. Os trabalhadores em ambos os casos mostraram-se fortes na mobilização de base,

> Paternidade comprimida em Taiwan

Por **Pei-Chia Lan**, Universidade Nacional de Taiwan e membro dos Comitês de Pesquisa sobre Família (RC06) e Movimentos de Trabalhadores (RC44) da ISA



O crescente conselho parental de Taiwan assume a família de classe média nuclear como a norma ideal. Esta é a capa do manual 123 Happy Family publicado pelo governo de New Taipei City.

As taxas de fertilidade em Taiwan estão hoje entre as mais baixas do mundo. Ao criar seus cada vez mais preciosos e vulneráveis filhos, os pais taiwaneses são constantemente aconselhados pelas opiniões de especialistas, frequentemente traduzidas do Ocidente, que recomendam atenção às necessidades e emoções das crianças. Por que atualmente os pais enfrentam mais pressão, ansiedade e incerteza do que antes, apesar de terem maior acesso a recursos culturais e

serviços de mercado? Minha pesquisa explora essa questão a partir de observações em escolas, análise de discurso e entrevistas em profundidade realizadas com pais e mães de mais de 50 famílias distribuídas nos diferentes níveis socioeconômicos.

A relação entre criação dos filhos e desigualdade de classe há muito é um tema crítico da sociologia, mas a literatura em geral sofre daquilo que Andreas Wimmer e Nina Glick Schiller chamaram “nacionalismo metodológico”. Os pesquisadores tendem a analisar a distinção de classe em uma única sociedade como uma unidade fechada de análise, desconsiderando como as sociedades são constituídas por relações de trocas e de influência mútua.

Taiwan é um local de pesquisas estratégico para a sociologia global, uma abordagem que introduz o espaço geográfico como central para a formação do conhecimento e provincializa as teorias e os conceitos da sociologia eurocêntrica. Eu pesquiso o tema da criação dos filhos como uma lente empírica que permite observar os modos como a globalização formata os micro-domínios da vida familiar e da desigualdade de classe. Os discursos públicos sobre a criação dos filhos transformaram-se dramaticamente no pós-guerra em Taiwan. O status das crianças deixou de ser fundamentalmente o de corpos trabalhadores disponíveis para o serviço militar, passando a ser o de corpos saudáveis sujeitos à governança biopolítica. O papel dos pais se transformou de modo similar: ao invés de disciplinadores das crianças, passaram a ser cada vez mais tratados como receptores de conselhos parentais.

Muitos analistas acreditam que a industrialização, a urbanização e a queda da fertilidade deram origem às noções modernas de infância e de paternidade/maternidade – uma visão que possui certo tom *modernizante* e que encara a experiência da modernidade Ocidental como modelo universal, desprezando assim as desigualdades de poder e as particularidades culturais ao redor do mundo.

Outra perspectiva disseminada é enxergar uma convergência global dessas noções, apresentando-as como



outro exemplo de “McDonaldização” sob a força avassaladora do capitalismo global, ou então em virtude da circulação global do conhecimento científico sobre a criação e o desenvolvimento das crianças. As duas versões correm o risco de tratar a *globalização* como uma variável exógena que permite desconsiderar os esforços das sociedades locais no sentido de hibridizar e apropriar-se de elementos globais.

O pesquisador sul-coreano Chang Kyung-Sup usou o conceito de “modernidade comprimida” para descrever a condição civilizacional em que mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais acontecem rapidamente, condensando o tempo e o espaço. Nessas sociedades, diversos componentes de múltiplas civilizações – tradicionais, modernas e pós-modernas, indígenas, estrangeiras, assim como elementos globais – coexistem, competem e se influenciam. Eu proponho o conceito de “paternidade/maternidade comprimida” (*“compressed parenthood”*) para descrever as práticas cambiantes, complexas e às vezes contraditórias de criação dos filhos no contexto da modernidade comprimida – um padrão que pode ser aplicado a Taiwan, mas também a muitas outras regiões no Hemisfério Sul.

O conceito possui três dimensões. Primeiro, o condensado desenvolvimento econômico e político de Taiwan – incluindo rápidas industrialização e democratização – levou a grande mobilidade intergeracional e a uma sociedade civil vibrante. Os pais de classe média lamentam sua “infância perdida” em uma Taiwan autoritária e mais pobre; eles estão dispostos a romper com o modo tradicional de criar os filhos e desejam oferecer aos seus mais felicidade e autonomia. A mudança no estilo de criação dos filhos sob a clara influência da cultura dos Estados Unidos tornou-se um marcador de identidade, por meio do qual muitos pais destacam a mobilidade ascendente de suas famílias e um engajamento cosmopolita.

Pais e mães de classe média desenvolvem orientações distintas a respeito do futuro globalizado que imaginam para seus filhos. Muitos procuram “cultivar uma competitividade global”, estrategicamente colocando seus filhos em jardins de infância com aprendizado de inglês, escolas de elite e colônias de férias americanas, na esperança de cultivar seu capital cultural global.

Por outro lado, um crescente número de pais e mães vem perseguindo estratégia contrastante. Buscam “orquestrar o crescimento natural” – priorizando o “desenvolvimento natural” da criança, ao invés das intervenções, que eles consideram “danosas”, dos pais e das instituições. Muitos desses pais escolhem programas educacionais alternativos, adotando pedagogias Ocidentais e abandonando cartilhas e exames.

Chegamos à segunda dimensão da paternidade/maternidade comprimida. Se esses roteiros culturais de criação refletem novas influências globais, eles com frequência colidem com a realidade taiwanesa. Por exemplo, os pais são muito estimulados a empregar um tempo substan-

cial comunicando-se e interagindo com as crianças, mas a maioria dos ambientes de trabalho em Taiwan não permite essa proximidade, em termos de cultura e de organização. Quando os dois pais trabalham, dependem muito de programas extraescolares e de redes de parentesco. Apesar na narrativa de “ruptura geracional”, para criar os filhos os pais acabam dependendo dos avós que vivem na mesma casa ou nas proximidades.

Além disso, os pais geralmente encaram uma disjunção entre os valores de paternidade/maternidade e o ambiente institucional mais abrangente. Apesar de abraçarem noções que valorizam a infância feliz, preocupam-se pela habilidade de seus filhos para sobreviver à intensa competição por postos nas melhores escolas e universidades. Eles também se questionam se seus filhos francos e opiniáticos se ajustarão bem no futuro, dado que a maioria das empresas em Taiwan ainda possuem culturas organizacionais coletivistas e hierárquicas.

Finalmente, a paternidade/maternidade comprimida se manifesta em diferentes versões de classe social: os pais distribuídos no espectro de classe experimentam a globalização e a modernidade comprimida de maneira desigual. A globalização oferece mais oportunidades e recursos para as famílias com capital econômico e cultural suficiente; aqueles que não possuem recursos estão em desvantagem ou mesmo marginalizados.

A exportação de capitais e a importação de mão de obra ocorridas em Taiwan nas últimas décadas afetaram especialmente a estabilidade dos homens da classe trabalhadora. Muitos dos que não conseguem uma noiva entre as mulheres locais casam-se com estrangeiras do sudeste asiático ou com chinesas e formam um novo tipo de família global. Os novos modelos de criação dos filhos – especialmente novas proibições quanto aos castigos corporais e crescentes expectativas de participação dos pais na vida escolar – trazem pressupostos implícitos sobre a flexibilidade de tempo dos pais e sua capacidade de se comunicar com as crianças. Pais operários, mães imigrantes e outras categorias em desvantagem nesse cenário tonam-se cada vez mais alvo de críticas e são rotulados como “famílias de alto risco”.

A compressão temporal e espacial ajuda a explicar por que a paternidade/maternidade se transformou em um projeto ao mesmo tempo tão recompensador, exaustivo e difícil na Taiwan de hoje. Da perspectiva da sociologia global, a literatura Ocidental tende a reduzir a transformação dos discursos de paternidade/maternidade a um processo endógeno e não auxilia a examinar noções de família histórica e culturalmente determinadas. É preciso investigar como o contexto crítico da globalização formata as estratégias familiares de acumulação de capital e como isso molda as desigualdades nas infâncias através de linhas de classe e nacionais. ■

Contato com Pei-Chia Lan <pclan@ntu.edu.tw>

> A criação do colapso

Taiwan no século XXI

Por **Thung-hong Lin**, Academia Sinica, Taiwan e membro dos Comitês de Investigação ISA sobre Estratificação Social (RC28) e Sociologia dos Desastres (RC39)

Taiwan tem experimentado grandes mudanças econômicas, políticas e sociais durante as últimas três décadas. No entanto, a maior parte da literatura sociológica sobre Taiwan ainda incide somente sobre a sua história de desenvolvimento bem sucedido. A sabedoria convencional geralmente inclui:

- um “estado desenvolvimentista” forte e racional dominado pelos tecnocratas autoritários do Kuomintang (KMT), que alcançaram a modernização industrial através de uma política de seleção dos vencedores;
- uma economia ativa orientada para a exportação (globalizada) com base na reforma agrária bem sucedida, juntamente com uma estrutura industrial dominada por pequenas e médias empresas (PME);

nas e médias empresas (PME);

- uma alta taxa de mobilidade ascendente, resultante do empreendedorismo de pequenos negócios, o pleno emprego e uma classe média em expansão.

No lado menos brilhante, a história padrão reconhece que Taiwan é uma sociedade patriarcal, onde a discriminação de gênero, influenciado pela cultura confucionista tradicional, persiste nas famílias, na educação e no mercado de trabalho. A história geralmente termina com a transição democrática pacífica baseada em uma classe média moderada (Tabela 1).

Desde 2007, no entanto, esse retrato do “milagre de Taiwan” tem sido posto em questão pelas crises financeiras da Ásia e da Grande Recessão. Quando as elites ex-autoritárias do KMT

A mudança de paradigma no desenvolvimento de taiwan

	O paradigma do “Milagre”	O paradigma do “Colapso”
Estado	Autoritário, autônomo e desenvolvimentista	Predatório e corrupto, responsável negligente até a democratização
Economia	PMEs locais privadas dominaram a economia orientada para a exportação	PME estão desaparecendo; fuga de capitais monopolistas para a China, onde ela explora os trabalhadores migrantes
Mobilidade e Estratificação Social	Empreendedorismo das PME, a ascensão das classes médias, forte mobilidade social e baixa taxa de desemprego	Desindustrialização e aumento da desigualdade de classe; reprodução de classe ao invés de mobilidade de classe; alta taxa de desemprego juvenil
Gênero, família e demografia	Família patriarcal confuciana, a discriminação de gênero na educação e no mercado de trabalho, o casamento precoce, a baixa taxa de divórcio, mas	A atenuação da desigualdade de gênero; desagregação familiar: taxa de divórcio tão alto como em nos EUA; taxa muito baixa de fertilidade; uma sociedade que envelhece rapidamente
Dinâmicas e clivagens políticas	O autoritário KMT partido do estado contra a sociedade civil local; uma grande clivagem entre etnicidade e identidade nacional	Aumento dos valores democráticos, da consciência de classe e sentimento de injustiça geracional entre os jovens: Movimento <i>Sunflower</i> contra o impacto da China



voltaram ao poder em 2008, os tecnocratas culpavam turbulência política por conta da democracia, e pelas políticas pró-independente do governo do Partido Democrático Progressista (DPP). A administração KMT perseguiu uma agenda política de desenvolvimento mais neoliberal, enfatizando a expansão do comércio com a China. Desde março de 2014, quando a preocupação pública sobre o aumento dos “impactos da China” explodiu no movimento estudantil de Taiwan desde os anos 1990, debates populares - inclusive críticos das relações do governo de Taiwan com a China, e da tendência para o KMT se aliar com as grandes empresas, ao mesmo tempo que negligencia PMEs locais e o emprego jovem - tem desafiado o “paradigma do milagre.”

Estudos recentes têm criticado o “estado desenvolvimentista”, de Taiwan argumentando que uma coalizão política conservadora e corrupta serviu o autoritarismo do KMT, excluindo as PMEs activas e a participação política taiwanesa. Estes estudos chamam a atenção para as críticas similares de rápido desenvolvimento econômico da China e da “capacidade de adaptação autoritária” do partido-Estado comunista. No contexto da desaceleração econômica, a China central e os estados locais parecem mais predatórios do que desenvolvimentistas. Revisitando a experiência de Taiwan, uma melhor explicação sobre a associação entre o crescimento econômico eo estado autoritário forte sugere que o primeiro nutriu este último, e não vice-versa, enquanto que o estado de bem-estar social e a cidadania no regime de Taiwan só se tornaram preocupações políticas após a democratização.

Devido ao forte investimento de grandes grupos empresariais de Taiwan na China desde o início da década de 1990, a estrutura industrial de Taiwan mudou dramaticamente. Parte do valor exportado de PMEs diminuiu de 76 por cento para 18 por cento. Hoje, 82% das exportações de Taiwan vêm de grandes empresas; A predominância das PMEs foi substituída pelo monopólio e capital multinacional. Por exemplo, a receita total da maior empresa de Taiwan, a Hon Hai-grupo (Foxconn), aproximou-se de 21% do PIB de Taiwan, em 2013; e como conflitos trabalhistas da Foxconn sugerem, a concentração de capital de Taiwan tem se beneficiado da exploração dos trabalhadores migrantes na China continental e da expropriação de terras sob o autoritarismo partido do Estado na China.

A mudança da estrutura industrial de Taiwan também remodelou a estratificação social. Na década de 1990, uma classe média urbana era composta por empregadores das PMEs e trabalhadores qualificados, o que levou a altas taxas de mobilidade de classe. Quando a economia desacelerou, no entanto, a riqueza e a desigualdade de renda aumentaram, e a mobilidade de classe declinou. Como em outras sociedades pós-industriais, segurança no trabalho tem sido prejudicada, e ambos os empregos precários e o número de trabalhadores pobres tem aumentado.

A única boa notícia pode ser a atenuação da desigualdade de gênero. As diferenças de gênero na educação e lucros

caíram, e agora são mais estreitas do que nos países vizinhos do Leste Asiático de Taiwan. No entanto, a discriminação no mercado de trabalho e intra-familiar podem não ter melhorado muito. Curiosamente, algumas pesquisas sugerem que o casamento pode tornar as mulheres menos felizes. De fato, as funcionárias do sexo feminino de Taiwan tendem a evitar o casamento e gravidez para manter o seu emprego, autonomia e ganhos, o que levou a uma taxa de nupcialidade baixa, uma taxa de divórcio tão alta como nos EUA, e uma das menores taxas de fertilidade do mundo.

Essas mudanças econômicas e sociais remodelaram a paisagem política de Taiwan. A literatura da ciência política tem geralmente focado em conflitos entre o autoritário de partido do estado KMT e a sociedade civil local, mas desde a transição democrática da década de 1990, o aumento da desigualdade econômica e da injustiça geracional têm provocado novas clivagens políticas. Alguns estudos sugerem que o apoio eleitoral ao DPP venha principalmente de trabalhadores de colarinho azul e camponeses (na sua maioria do sexo masculino), e de Taiwanenses mais jovens com valores mais liberais.

Desde 2008, o governo KMT tem tentado estimular a economia por meio da cooperação com o partido estatal da China, e incentivar a colaboração entre as grandes empresas de Taiwan e China. O que Jieh-min Wu chamou de “coalizão de estados-empresas do capitalismo autoritário” é suspeito de buscar a integração econômica e política entre China e Taiwan através da agenda de livre comércio. O governo promoveu esta agenda neoliberal através de ideologia “trickle-down” (efeito cascata de cima para baixo), impulsionada por uma nostalgia implícita pelo autoritarismo do KMT - uma agenda que aprofundou as tensões ao longo das divisões de longa data de Taiwan de nacionalidade, classe e geração.

A transformação de Taiwan desmente a sua imagem como um modelo de desenvolvimento. Por muito tempo vistas como o motor do crescimento do país, as PMEs de Taiwan estão desaparecendo. Grandes empresários e tecnocratas do KMT, cujos pontos fortes dependiam do Estado forte do país, são agora os defensores do livre comércio e abertura à China. Os jovens de Taiwan confrontam-se com o desemprego, a mobilidade descendente, a insegurança no trabalho e salários estagnados, bem como taxas de imposto e de segurança social mais elevadas. Em um livro que inesperadamente se tornou um best-seller sociológico e fonte de idéias para o Movimento Girassol, argumento que essas mudanças sociais têm produzido um intenso conflito de gerações que segue os contornos de uma divisão de classe cada vez maior. Em contraste com o nosso milagre econômico de muito tempo atras, alguns jovens estudiosos agora exigem uma mudança de paradigma na sociologia de Taiwan, concentrando-se no colapso social que pode estar no nosso futuro.

Contato com Thung-hong Lin <zoo42@gate.sinica.edu.tw>

¹ Thung-hong Lin et al. (2011) *A Generation of Collapse: Crises of Capitalism, Youth Poverty and the Lowest Fertility Rate in Taiwan*. Taipei: Taiwan Labor Front.

> Generalidade e Particularidade na sociologia taiwanesa

Por **Mau-kuei Chang**, Academia Sinica, Taiwan, e membro do Comitê de Investigação ISA sobre o Racismo, Nacionalismo e Relações Étnicas (RC 05)

Um relato completo da situação atual da sociologia em Taiwan seria impossível; em vez disso, eu ofereço alguns exemplos que ilustram como os sociólogos “fazem sociologia” em Taiwan. Começo com a mais recente reunião anual da *Taiwan Sociological Association* (TSA) em novembro de 2014. Durante os últimos vinte anos, a reunião anual da associação tem sido um evento comunitário importante para seus membros, agora atingindo 500. Este ano, a reunião realizada na Universidade Nacional Tsing Hua, incluiu 64 sessões com 180 artigos sobre temas que vão desde estudos de economia política até subjetividades pós-modernas, bem como fóruns sobre a região do Leste da Ásia e sobre transformações na China. Os convidados especiais que representam a Associação Sociológica Japonesa e a Associação Sociológica Coreana, bem como estudiosos chineses de universidades em Hong Kong, foram convidados a participar.

Um dos eventos mais notáveis do programa deste ano foi o discurso de abertura. Fugindo da tradição, um estudante de pós-graduação jovem, Yang Wei, foi convidado a falar sobre seu ativismo, e refletir sobre a campanha que ocupou o edifício do Parlamento e veio a ser conhecido como o movimento *Sunflower* (Veja o artigo de Ming-sho Ho nesta edição). Este discurso não convencional reflete a perspectiva geral dos sociólogos de Taiwan, muitos dos quais têm desafiado paradigmas tradicionais com sérios debates sobre desigualdade, democracia, justiça e cidadania.

Mas, como em muitos lugares, os membros da TSA mantêm posições sociais e políticas divergentes, e diferem em suas imaginações e práticas sociológicas. Nos corredores na reunião anual, os membros expressaram abertamente opiniões sobre o que parecia ser um endosso oficial do movimento de ocupação adversária. Alguns membros estavam preocupados com o perigo de politizar a associação com o ativismo social, preocupando-se que este possa arrastar para baixo o estatuto profissional da organização, e danifi-

car a identidade da TSA como uma associação acadêmica. Taiwan teve a sua quota de debates desta natureza, legados herdados de fundação no início da nossa disciplina.

Mas a TSA também é importante para outras atividades. Por exemplo, publica uma revista eminente bi-anual revisada por acadêmicos de destaque, o *Jornal de Taiwan de Sociologia*, juntamente com três boletins informativos, e um blog muito popular chamado “Sociologia de Esquina” (ver o artigo de Hong-zen Wang nesta edição), que serve como um espaço dinâmico para resultados empíricos e debates sobre assuntos atuais.

A adesão da TSA se combina com a adesão à outras associações acadêmicas, incluindo a taiwanesa Associação de Acadêmicas Feministas, a Associação de Estudos Culturais, a Associação de Bem-Estar Social de Taiwan, STS de Taiwan (Ciência, Tecnologia e Sociedade) Associação e assim por diante. Tais relações “em movimento” e “creolizadoras” com campos adjacentes e áreas de conhecimento relacionadas conferem energia intelectual tanto a sociologia quanto a comunidade de ciências sociais em geral.

A seguir, descrevo três volumes editados publicados nos últimos dez anos, para ilustrar os interesses substantivos dos sociólogos de Taiwan. Cada um dos volumes representa um estilo particular: (1) o convencional ou “mainstream”, (2) o “transnacional” ou global, e (3) o tipo de “público”. A seleção é muito limitada, mas todos têm sido bem recebidos e podem ser considerados representativos de tais publicações.

“*Mudança Social em Taiwan, 1985-2005: Comunicação de Massa e Comportamento Político*” (editado por M. Chang, V. Lo e H. Shyu, 2013) representa o que poderíamos chamar o mainstream da sociologia de Taiwan, com artigos examinando a mudança na participação política e na comunicação de massas em Taiwan durante o período de democratização. Estes estudos são baseados em dados de amostras coletadas nacionalmente desde 1989 pelo

“Hoje, a sociologia se tornou organicamente incorporada na sociedade”

projeto *Investigação da Mudança Social* (IMST) em Taiwan). Essas pesquisas oferecem visões pontuais que podem ser usadas para construir tendências de médio e longo prazo sobre cidadania, identidade nacional, religião, sexo, família, emprego, globalização e outros conceitos fundamentais da sociologia mainstream. Desde 2002, o projeto também incluiu módulos do *Programa Internacional de Pesquisa Social* (ISSP) e do asiático *Pesquisa Social no Oriente* (EASS). O conjunto de dados é aberto a estudiosos em todo o mundo, e útil em estudos comparativos.

“*Cruzar ou não cruzar: Taiwan Transnacional e Transnacionalidade Taiwanesa*” (editado por H. Wang e P. Guo, 2009) exemplifica o caráter “transnacional” da sociologia de Taiwan. Nele sociólogos, antropólogos e historiadores sugerem que o contexto contemporâneo de alta mobilidade e rápida globalização nos obriga a olhar para além do “Estado-nação.” Este volume representa a emergência de acadêmicos interessados nos fluxos de pessoas, na cultura e no capital cruzando fronteiras geográficas e sociais a partir da perspectiva de Taiwan. Juntos, os artigos do volume desafiam os pressupostos territoriais existentes sobre a sociedade. Os temas contidos no volume incluem estudos de trabalhadoras domésticas do Sudeste Asiático, a expansão global das associações budistas de Taiwan, questões de identidade e de gênero em casamentos entre imigrantes e empresários taiwaneses e mulheres presas na travessia entre China e Taiwan.

A vertente pública da sociologia de Taiwan é representada pela mais recente publicação, *Sociologia de Esquina* (editado por H. Wang, 2015). O livro contém 34 artigos de 37 colaboradores, que foram convidados a escrever ensaios curtos ou comentários em linguagem simples, explicando as descobertas e o pensamento sociológicos para os leitores em geral. Os ensaios são organizados em cinco temas: *Vida Política, Difíceis e Duras vidas, Questões de Gênero, Vida nas Margens e Via Alternativa*. Todos os artigos apareceram pela primeira vez como mensagens no blog *Sociologia de Esquina* (ver artigo de Hong-zen Wang nesta edição). A página no Facebook foi criada em fevereiro de 2014, e dentro de um

mês, atraiu mais de 3.000 visitantes por dia. Em 2014, cada artigo recebeu 6.700 visitas em média, superando de longe outros fóruns durante o mesmo período. Apesar do fato de que todas as suas mensagens estão em domínio público, as vendas do volume impresso quebraram todos os recordes de publicações de ciências sociais em Taiwan.

No passado, os críticos têm sugerido que a sociologia de Taiwan não tem uma personalidade própria, e acusando-a de ser demasiado dependente da sociologia ocidental. Olhando vinte anos atrás, eu tenho que concordar. No entanto, as sucessivas gerações de sociólogos tiveram que atender muitos desafios, incluindo pressões para a cooptação de um Estado autoritário, suspeitas levantadas pelos conservadores culturais, debates sobre a indigenização da ciência social em face da influência ocidental, e lutas de paradigmas entre a China-centrismo e Taiwan-centrismo. Hoje, a sociologia se tornou organicamente incorporada na sociedade. Ela abraçou o avanço do conhecimento do e para o público. Alguns dos grandes conceitos como classe, reprodução de classe, estado, dominação, poder, movimento social, gênero, sociedade civil, cidadania e globalização foram incorporadas no ensino médio e à linguagem da mídia de massa.

Apesar desses sucessos aparentes, novos desafios estão crescendo. Um desafio é colocado pelo envelhecimento e diminuição da população de estudantes universitários elegíveis. Outro desafio é o poder arrebatador do fundamentalismo de mercado e concorrência global. Sociólogos e instituições de sociologia estão sob pressão para padronizar a avaliação administrativa de pesquisa o que fornece a justificativa para retirar recursos das disciplinas de humanidades e ciências sociais que são considerados de utilidade limitada. Além disso, todos estes desafios estão ocorrendo em um momento de aprofundamento das desigualdades. Mas esses desafios não marcam a sociologia de Taiwan como diferente de sociologia em outros lugares. Então, os sociólogos do mundo marcham para o futuro lado a lado. ■

Contato com Mau-kuei Chang <etpower@gmail.com>

> Sociologia de esquina

Por **Hong-Zen Wang**, Universidade Nacional Sun Yat-sen, Kaohsiung, Taiwan e membro do Comitê de Investigação ISA sobre Migração (RC31)



Ilustração por Arbu.

Disseminar o conhecimento profissional no ambiente acadêmico atual de Taiwan não é uma tarefa fácil: administrações universitárias não incentivam esse tipo de trabalho “improdutivo”. Qualquer cientista social que quer se envolver nos assuntos públicos corre o risco de ser estigmatizado como “não-acadêmico.” Alguns estudiosos escrevem seus próprios blogs, mas que muitas vezes não são sustentados porque eles exigem muito tempo.

Em 2009, alguns antropólogos de Taiwan experimentaram o funcionamento de um blog coletivo, chamado [gualanthropology](#) que oferece um breve comentário a cada semana para divulgar a pesquisa antropológica. O blog não atraiu muita atenção em seus primeiros anos, mas é um exemplo para a comunidade sociológica.

Apoiado por sociólogos de Taiwan, o [Sociologia de Esquina](#) estreou em fevereiro de 2013. Em dois anos publicou mais de 130 artigos, escritos por mais de 100 sociólogos de Taiwan. Recebeu 2,2 milhões de visualizações, e muitas de suas postagens tem sido compartilhadas por diferentes meios de comunicação de massa.

Antes do *Sociologia de Esquina* ser criado, Taiwan vangloriava-se de vários blogs de ciência populares como [PanSci](#) ou [Mapstalk](#), ganhando milhões de acessos em poucos anos. Obviamente, as pessoas que procuram informações atualizadas hoje aprenderam a navegar na internet. Assim, se os cientistas sociais querem influenciar a opinião pública e as políticas sociais, terão de se envolver em debates na Internet. Além disso, muitas pessoas perderam a paciência necessária para ler artigos longos. De acordo com um editor, um artigo curto, que pode ser concluído em três a cinco minutos é a duração ideal para os leitores na internet. Portanto, desde o início, autores que contribuíram com o *Sociologia de Esquina* foram aconselhados a escrever menos de 5.000 palavras chinesas, cerca de 1.500 palavras em inglês - muito extenso para uma coluna de jornal de opinião pública, mas o suficiente para um post de blog para se envolver no debate público.



Um fator-chave no sucesso do *Sociologia de Esquina* tem sido o grande apoio que recebeu da comunidade sociológica de Taiwan. A Sociedade Japonesa de Sociologia tem mais de 3.000 membros, enquanto a Associação Coreana de Sociologia tem mais de 1.000 membros; em contraste, Taiwan tem menos de 300 sociólogos ativos. Diferentes subcomitês da Associação Coreana de Sociologia escreveram livros sobre diferentes temas - por exemplo, a migração ou a teoria social - para disseminar o conhecimento da sociologia. No Japão, da mesma forma, há uma série de manuais de sociologia lidando com questões sociológicas importantes. É evidente que tais esforços estariam além da capacidade da pequena comunidade sociológica de Taiwan. Assim, comentários de sociólogos em diferentes esferas, escritos coletivamente, oferecem um canal mais eficaz para a divulgação de contribuições sociológicas. Sendo uma pequena comunidade, em que a maioria dos sociólogos se conhecem muito bem, muitos sociólogos de Taiwan têm-se revelado dispostos a contribuir com um breve comentário a cada dois anos ou mais.

Nos últimos anos, o interesse público em questões sociais e políticas também tem contribuído para a popularidade do blog. O descontentamento com os problemas causados pela globalização econômica, a expansão da China, e a corrente conservadora do governo de direita levaram a grandes protestos estudantis em março de 2014; durante os 50 dias de ocupações e protestos, a *Sociologia de Esquina* publicou mais de 17 artigos que apoiam o movimento, e cerca de 10.000 visitantes visualizaram o site todos os dias, contra apenas 1.700 no mês anterior. O blog se tornou um importante local onde defensores do movimento poderiam debater políticas públicas. Até mesmo funcionários do governo vieram ao blog para defender suas políticas.

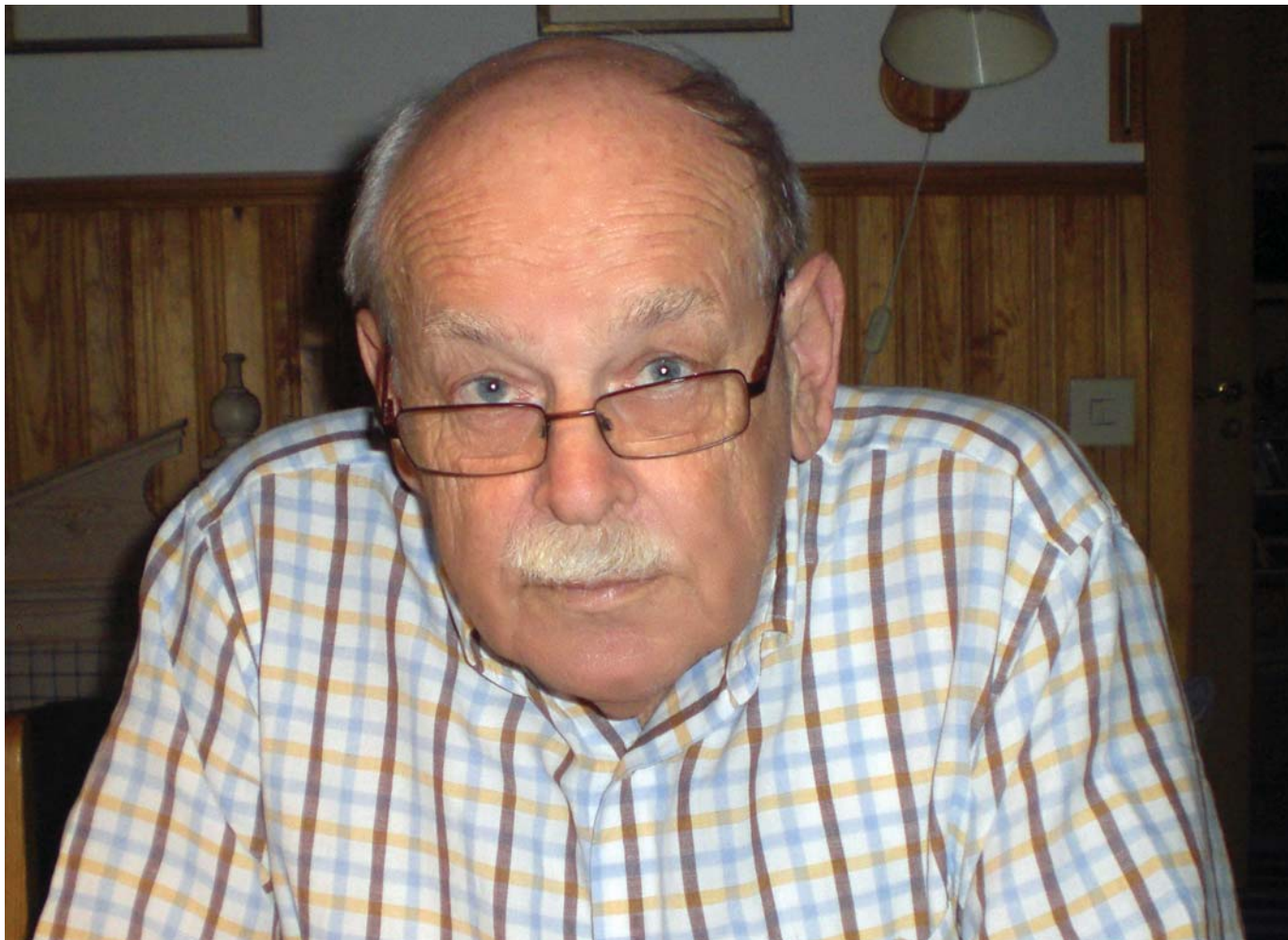
O *Sociologia de Esquina* tornou-se uma janela para aqueles que estão interessados na sociologia de Taiwan ou nos desenvolvimentos sociais e políticos da região. Como o *Sociologia de Esquina* tornou-se mais conhecido, mais e mais estudantes de ensino médio acessaram o blog para entender a disciplina. Isto é especialmente importante porque, no passado, a sociologia tem sido muitas vezes confundida com o trabalho social. Além disso, outros meios de comunicação de Taiwan comentam os artigos publicados no blog, dando maior visibilidade às perspectivas acadêmicas. Artigos do blog também foram reproduzidos por sites na China e em Hong Kong. Talvez, não surpreendentemente, websites chineses repassam principalmente aqueles artigos que tratam de temas menos politicamente sensíveis, tais como a sociologia das artes, turismo ou desenvolvimento da comunidade. Em contrapartida, blogs de Hong Kong estão interessados em questões mais políticas, lidando com questões sobre o Estado e à infância, ou com questões relacionadas com Hong Kong, Taiwan e China.

A maioria dos trabalhos acadêmicos é lida por menos de dez pessoas, e cerca de um terço dos artigos da ciência social nunca são citados. Se a nossa longa investigação não atraísse leitores - nem mesmo os nossos colegas acadêmicos - isto seria muito frustrante. Em contraste, a co-autoria do *Sociologia de Esquina* mostra que o trabalho coletivo pode ter forte impacto social, e também demonstra que os sociólogos podem participar ativamente nos assuntos sociais sem sacrificar a sua pesquisa acadêmica. ■

Contato com Hong-Zen Wang <hongren63@gmail.com>

> Jürgen Hartmann, um internacionalista dedicado

Por **Lyudmila Nurse**, Co-fundadora e Diretora da Oxford XXI Think-Tank, Reino Unido e ex-membro do conselho do Comitê de Pesquisa do ISA para a Juventude (RC 34) e **Sylvia Trnka**, ex-membro do Conselho de RC34, Áustria¹



Jürgen Hartmann, Presidente do Comitê de Pesquisa em Sociologia da Juventude da ISA (1986-1990), Vice-Presidente de Finanças da ISA (1994-1998), faleceu em 02 de março de 2015.

Sempre alegre e amigável, gentil, de mente aberta, acolhedor, positivo, cooperativo, prestativo, bondoso, compreensivo, um cientista internacionalmente ativo, um organizador hábil, uma personalidade inspiradora - é assim que amigos e colegas lembrar Jürgen Hartmann, que faleceu em 02 de março de 2015.

Jürgen nasceu em Remscheid-Lennep (Alemanha) em 18 de março de 1944. Como seu pai morreu na guerra, Jürgen foi criado por sua mãe. Quando

criança, Jürgen passou muitas tardes na livraria local. Um leitor voraz, ele rapidamente fez amizade com o proprietário, que o deixou ler livros gratuitamente no quarto dos fundos da loja. Jürgen gratamente absorveu tudo o que ele poderia se apossar: ele lia sobre outros países e culturas, ele estudou mapas e até mesmo horários de trens. Isso acendeu suas aspirações acadêmicas e inspirou o seu desejo de viajar pelo mundo. Isso o ajudou a ler à velocidade da luz, e ele sempre conseguiu encontrar o seu caminho, não importa onde ele estava, como se



ele fosse uma bússola humana. Filho de uma mãe que trabalhava, Jürgen também aprendeu cedo a preparar refeições saborosas, uma habilidade que ele aperfeiçoou ao longo de sua vida.

Jürgen obteve seu mestrado em Economia na Universidade de Colônia, em 1969. Como estudante, ele assumiu os trabalhos de verão em Estocolmo e ganhou uma bolsa de estudos da Universidade de Uppsala, onde conheceu sua esposa sueca Solveig. Em 1973, ele recebeu seu PhD com uma tese de doutorado sobre a revolta estudantil na Suécia. Após a formatura, ele trabalhou no Departamento de Sociologia da Universidade de Uppsala até 1993, dando aulas em toda a Suécia. De 1980 a 1982, ele trabalhou em Viena como chefe de pesquisa no Centro Europeu de Assistência Social, Treinamento e Pesquisa, uma organização afiliada às Nações Unidas; Entre os anos de 1983 e 1986, dirigiu o *Projeto Internacional de Integração da Juventude na Sociedade*, lançando sua carreira internacional.

O primeiro contato de Jürgen com o ISA remonta ao IX Congresso ISA Mundial de Sociologia realizado em Uppsala, em Julho de 1978. A Secretária Executiva do ISA Izabela Barlinska, então uma jovem estudante de ajuda na Secretaria do Congresso, lembra de conhecer Jürgen no balcão de informações. Em seguida, um jovem professor da Universidade de Uppsala, Jürgen sentiu que a sua ajuda, como um representante da comunidade acadêmica local podia ser necessária. E definitivamente foi! Ambos eram inexperientes e novos para a estrutura da ISA, mas ambos estavam ansiosos para ajudar os outros. Tornaram-se amigos para sempre.

Trabalhando em um cenário internacional com colegas de diferentes partes do mundo foi vital para Jürgen. Juntou-se ao Comité de Investigação da ISA em Sociologia da Juventude (RC34), serviu como seu tesoureiro (1982-1986) e foi eleito seu presidente em 1986. Seu antecessor, Petar-Emil Mitev, observa que “durante a Guerra

Fria, Jürgen fez uma importante contribuição para transformar o RC34 em um modelo para a cooperação entre pesquisadores da juventude na Europa Ocidental e Oriental. Jovens pesquisadores de países da Europa Oriental puderam sempre contar com o seu apoio bem intencionado e verdadeira devoção a objetivos acadêmicos comuns”.

“A liderança de Jürgen do RC34 em um momento crucial posicionou-lhe perfeitamente para observar e compreender as enormes mudanças na situação dos jovens desencadeadas na União Soviética pela Glasnost e Perestroika”, diz John Bynner, que passou a admirar o extenso alcance da perspectiva analítica de Jürgen e suas observações perspicazes quando trabalhou com ele no projeto comparativo Juventude Européia e as Novas Tecnologias (1987-1990), executado pelo Centro Europeu de Coordenação de Pesquisa e Documentação em Ciências Sociais, em Viena. Patrocinado pelo RC34, esse projeto tinha valor único, abrangendo a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. Bynner descreve Jürgen como “um verdadeiro internacionalista trazendo para casa aos menos bem-iniciados como eu, a necessidade de ficar longe de perspectivas nacionais de antigamente e avançar para uma compreensão das diferenças relativas em pressupostos culturais e prioridades nacionais, especialmente na Europa Oriental, onde interesses não-militares e dos consumidores em TI ainda era limitado. Os jovens, através da sua crescente demanda por capacitação em TI e acesso a mídias de outras nações e como a próxima geração, foram tornando-se assim um dos principais precursores da mudança. É difícil agora ter o alcance de que a ideia de Jürgen de um certificado de competência em informática, com o estatuto de uma carta de condução, foi visto, na época, como utópico em países orientais. Ele reconheceu cedo a importância da transformação da transição para a vida adulta provocada por novas tecnologias e as consequências da individualização, da po-

larização e da desigualdade crescente em um mundo cada vez mais globalizado, que foi seu resultado. A ideia de que temos que lutar contra essas coisas hoje como elementos centrais para a política de juventude e políticas públicas é, em grande parte, devido a influências de Jürgen que podemos celebrar nos dias de hoje”.

Como um cientista verdadeiramente internacional, Jürgen conseguiu iniciar a cooperação com pesquisadores jovens chineses sob o guarda-chuva RC34. Não é por acaso que, nos dois períodos seguintes a sua presidência, os vice-presidentes da RC34 para a Ásia eram da China. Jürgen desempenhou um papel-chave diplomaticamente abrindo o caminho para a primeira conferência RC34 já realizada na China, batizada de *Modernização da Ásia e Juventude* (Xangai, 1993).

Jürgen também foi um excelente criador de redes. Helena Helve, Coordenadora do Centro de Pesquisa Nordica sobre Juventude (1998-2004) e presidente da RC34 (2002-2006), considera Jürgen um pioneiro da pesquisa nórdica sobre juventude. Helena ficou impressionada com “o discurso fascinante sobre os movimentos de juventude na Europa em 1960 e 1970 que Jürgen deu em uma conferência nórdica de pesquisa de juventude. Jürgen trabalhou activamente para a cooperação de pesquisadores jovens nórdicos. Ele foi um dos fundadores do Simposio de Pesquisa Nordica sobre Juventude NYRIS e a da coordenação de pesquisa nórdica sobre juventude. Mesmo quando ele tinha se tornado um cientista internacional bem conhecido, ele sempre se considerou um pesquisador da juventude nórdica. Seu trabalho tem se internacionalizado e fez seus estudos sobre a juventude nórdica conhecidos em todo o mundo”. Jürgen também era um membro da CYRCE (Círculo para Cooperação Europeia de Pesquisas sobre Juventude), fundada em 1990 por seu sucessor, Sibylle Hübner-Funk, que contribuiu para construir e reforçar a investigação europeia para



a juventude.

O amplo conhecimento de Jürgen, a experiência de ensino e sua capacidade de explicar questões complicadas de forma clara fez dele um orador procurado. Havia algo de especial sobre seu estilo de apresentação: mesmo quando ele falava para grandes audiências, os ouvintes sentiam que ele estava falando com eles individualmente.

Depois de sua presidência no RC34, Jürgen foi eleito para o Comitê Executivo da ISA: ele serviu no Comitê de Finanças de 1990 a 1994, e como Vice-Presidente de Finanças de 1994 a 1998. Nessa função, ele ajudou com congressos mundiais ISA, trazendo sociólogos para Bielefeld (1994), Montreal (1998) e Brisbane (2002).

Além da pesquisa em juventude, Jürgen era apaixonado por reforçar a compreensão internacional através de exposição e experiência; ele via viagens de jovens, tanto de trocas quanto para o turismo, como central. Lyudmila Nurse se lembra vividamente de um incidente em outubro de 1992, em Moscou, onde ela organizou a conferência internacional Mudanças Sociais e de Juventude na Europa: Integração ou Polarização. No primeiro dia da conferência, o director do Instituto da Juventude recebeu um telefonema do então Ministério da Ciência e Tecnologia, que estava envolvido no desenvolvimento de novas políticas

de juventude na Rússia. Eles queriam encontrar-se com alguns dos estudiosos ocidentais que participaram da conferência. Jürgen estava muito entusiasmado com o fato de que a conferência tinha atraído a atenção do governo russo. Nós ficamos muito satisfeitos de sermos convidados para o Kremlin, onde o nosso pequeno grupo foi recebido pelo Gennady Burbulis, o então Secretário de Estado da Federação Russa, que era encarado como o segundo político mais influente na Rússia depois do presidente Boris Yeltsin. Na reunião, o foco principal foi sobre a forma de envolver os jovens da Rússia no processo democrático. Jürgen foi o primeiro a responder com uma sugestão que soou muito simples e direta: os jovens russos devem ser autorizados a viajar para o exterior e ver o mundo. No começo, todos pensaram que era uma coisa tão simples de fazer; Jürgen então explicou que o país também deve mudar e ser atraente para o retorno desses jovens. Houve uma discussão envolvente e um grande senso de satisfação por Jürgen que sua mensagem sobre a mobilidade dos jovens foi tão bem recebida.

O trabalho de Jürgen sobre a mobilidade e as viagens dos jovens desempenhou um papel significativo na investigação da juventude. Ele analisou sistematicamente razões para viajar e construiu o perfil dos jovens viajantes. Em seus trabalhos sobre a mobilidade dos jovens e de viagens na Europa Ocidental, ele ligou as políticas da União

Europeia e do conceito de “mobilidade dos jovens” para o surgimento de uma consciência europeia e de uma estreita cooperação em economia, política e cultura, argumentando, por exemplo, que o bilhete comum de trem europeu contribuiu para a experiência de jovens suecos de ser “europeu” em um grau muito maior do que qualquer programa de intercâmbio institucionalizado, e a vontade que os dos jovens de viagens está correlacionada com a sua capacidade de falar línguas estrangeiras.

Quando a Universidade de Dalarna firmou parceria com outras cinco universidades europeias para criar um programa em Gestão de Turismo Europeu (ETM), Jürgen aproveitou a oportunidade para fazer o seu interesse no turismo sua profissão, tornando-se diretor da parte sueca desta Programa de Mestrado (1994- 2008). Ele adorava ensinar e continuou dando aulas após a aposentadoria.

Jürgen era um verdadeiro amigo para muitos e um grande colega para todos os membros do RC34. Vamos sentir falta do seu espírito de equipe, o seu sorriso alegre e abraços, sua gargalhada, sua mente curiosa, sábios conselhos e encorajamento. Se nos basearmos no rico legado que ele nos deixou, ele vai permanecer vivo no nosso trabalho e memórias. ■

Contato com Sylvia Trnka <sylvia.trnka@aon.at> e Lyudmila Nurse <lyudmilanurse@oxford-xxi.org>

¹ Somos gratas à contribuição de Izabela Barlinska, John Bynner, Helensa Heklive, e Petar-Emil Mitev.